

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A FONOLOGIA DO TALIAN, O VÊNETO-RIO-GRANDENSE
FALADO NA CIDADE DE NOVA ROMA DO SUL,
SOB A LUZ DA TEORIA DA OTIMIDADE.

SILVIO PANIZ

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Orientadora: Prof^ª. Dra. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Pelotas, outubro de 2005

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia Matzenauer, pelo apoio, incentivo e principalmente por acreditar no meu empenho em fazer este trabalho.

À Prof.^a Ana Bellini Peterlana, pela sua inestimável ajuda, pois sem ela este trabalho seria muito mais difícil.

À todos os professores pelo apoio durante o desenvolvimento do curso de mestrado.

À mestranda Juliana Kickhöfel, pela ajuda nas transcrições das falas das informantes.

Às minhas colegas e amigas, hoje mestres, Cristiane Lazzarotto, Dâni Moreira e Ida Marins pelos estudos e pela amizade conquistada, um afago especial no coração.

À minha família, pela paciência e apoio durante esses dois anos de muita luta.

Mais ou menos assim começou a história dos descendentes de imigrantes italianos:*



* Dos quadrinhos criados pelo cartunista Iotti. Radicci – Demo Via. Caxias do Sul. EDUCS, 1991.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	VI
LISTA DE QUADROS	VII
RESUMO	IX
RESUMEN	X
INTRODUÇÃO	11
1 DA ITÁLIA À NOVA ROMA DO SUL – SOBRE A IMIGRAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO LINGÜÍSTICA	13
1.1 Um pouco da história dos dialetos e da imigração dos italianos para o Rio Grande do Sul	13
1.1.1 A origem dos dialetos falados na Itália.....	13
1.1.2 A imigração italiana no Rio Grande do Sul.....	15
1.1.3 Nova Roma do Sul.....	18
1.1.3.1 A formação étnica de Nova Roma do Sul.....	20
1.1.3.2 O fenômeno lingüístico em Nova Roma do Sul.....	23
1.2 Os primeiros dialetos falados na Região Gaúcha de Colonização Italiana (RCI)	23
1.2.1 A linguagem usada pelos Ítalo-Gaúchos e o contato com o Português Brasileiro (PB)	27
1.2.2 Fatores extralingüísticos que levaram à inter-relação entre o Talian e o Português Brasileiro	28
1.2.3 Conservação dos dialetos italianos e maior difusão do Vêneto em relação aos outros dialetos	29
1.2.4 Supremacia do Português sobre o dialeto Vêneto	30
1.3 Bilingüismo	33
1.3.1 Alguns conceitos	33
1.3.2 Tipos de bilingüismo	36
2 METODOLOGIA	40
2.1 Informantes e procedimentos da pesquisa	40
2.1.1 Caracterização dos informantes.....	40
2.1.2 Coleta dos dados.....	41
2.1.3 Transcrição dos dados.....	41
2.1.3.1 Transcrição ortográfica dos dados	41
2.1.3.2 Transcrição fonética dos dados.....	42
2.1.4 Encaminhamento da descrição e análise dos dados.....	43
2.2 Sistemas consonantais considerados na presente pesquisa	43
2.2.1 Os sistemas consonantais de alguns dialetos falados na Itália	43
2.2.2 Os sistemas consonantais dos dialetos Vênetos formadores do dialeto de Nova Roma do Sul.....	44
2.2.3 O sistema consonantal do Português Brasileiro	49

3	DESCRIÇÃO E ANÁLISE PRELIMINAR DOS DADOS DA PESQUISA.....	52
3.1	O sistema consonantal das informantes da 2ª Geração de imigrantes italianos em Nova Roma do Sul.....	53
3.2	O sistema consonantal das informantes da 3ª Geração de imigrantes italianos em Nova Roma do Sul	57
3.3	Comparação dos sistemas consonantais das informantes da pesquisa com os dos dialetos Vênetos e com o PB.....	62
3.4	O sistema consonantal do Talian de Nova Roma do Sul.....	64
4	BASE TEÓRICA PARA A ANÁLISE FINAL DOS DADOS – A TEORIA DA OTIMIDADE	66
4.1	Caracterização do modelo teórico.....	66
4.2	O tableau.....	68
4.3	O algoritmo de aprendizagem.....	71
4.4	Hierarquia de restrições.....	72
4.5	O processo de remoção de restrições.....	74
5	ANÁLISE FINAL DOS DADOS – O PROCESSO EVOLUTIVO DE CONSOANTES DO SISTEMA DO TALIAN DE NOVA ROMA DO SUL E DADOS LEXICAIS	77
5.1	O processo de formação de consoantes do sistema do Talian, à luz da Teoria da Otimidade.....	77
5.2	Influências lexicais do PB no Talian de Nova Roma do Sul.....	87
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
	BÍBLIOGRAFIA	95
	ANEXO 01 – CORPUS QUE EMBASOU A PRESENTE PESQUISA	100
	ANEXO 02 – SISTEMA CONSONANTAL DO DIALETO VENEZIANO E DO ITALIANO STANDARD	125
	ANEXO 03 – ARTIGO: OS ITALIANOS QUEREM SALVAR O VÊNETO	128

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Mapa da Itália	17
FIGURA 02 – Mapa do Rio Grande do Sul, com os primeiros núcleos habitacionais do imigrantes italianos	19
FIGURA 03 – Mapa da Região do Vêneto	22
FIGURA 04 – Limites das principais províncias do Vêneto.....	26
FIGURA 05 – Dos dialetos italianos e de sua inter-relação com o Português Brasileiro na Região de Colonização Italiana (RCI).....	32

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Famílias em Nova Roma do Sul.....	20
QUADRO 02 – Percentual de imigrantes vêneto	21
QUADRO 03 – Supremacia dos vênetsos	21
QUADRO 04 – Sistema consosantal Padovano-Vicentino-Polesano (PVP).....	45
QUADRO 05 – Sistema consonantal Trevisano-Feltrino-Belunes (TFB).....	46
QUADRO 06 – Os sistemas consonantais dos dois grupos de dialetos: PVP e TFB.....	48
QUADRO 07 – O sistema consonantal do Português Brasileiro (PB)	49
QUADRO 08 – Os sistemas dos dialetos PVP + TFB e do PB	51
QUADRO 09 – O sistema consonantal da primeira informante da segunda geração	53
QUADRO 10 – Sistema consonantal da segunda informante da segunda geração.....	54
QUADRO 11 – Sistema consonantal da primeira e da segunda informante da segunda geração	56
QUADRO 12 – O sistema consonantal da primeira informante da terceira geração	57
QUADRO 13 – O sistema consonantal da segunda informante da terceira informante.....	58

QUADRO 14 – O sistema consonantal da primeira e da Segunda informante da terceira geração	60
QUADRO 15 – Conjunto de consoantes das informantes da Segunda e da terceira geração, e dos sistemas PVP, TFB, PB	62
QUADRO 16 – O sistema consonantal do Talian falado em Nova Roma do Sul	64
QUADRO 17 – Elenco de restrições violadas	74
QUADRO 18 – Eliminação das restrições compartilhadas	75
QUADRO 19 – Pares candidatos prontos para ativar demoções	75

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal o estudo do sistema fonológico consonantal do *Talian*, ou Vêneto–Rio-grandense, também conhecido como o Vêneto – Brasileiro, que é o dialeto falado pelos descendentes de imigrantes italianos que a partir da década de 1870, colonizaram a região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, hoje conhecida como Região de Colonização Italiana (RCI); o estudo centrou-se especificamente no *Talian* falado na cidade de Nova Roma do Sul.

Como *corpus* deste trabalho foram utilizadas as falas espontâneas em *Talian* de quatro informantes de diferentes gerações: duas pertencentes à 2ª geração de descendentes nascidos em Nova Roma do Sul e duas pertencentes à 3ª geração também nascidas naquela cidade.

Foram feitos cruzamentos entre os sistemas fonológicos consonantais dos dialetos vênéticos que entraram na formação do *Talian* para a verificação das diferenças e semelhanças entre o *Talian* e esses dialetos, como também foram verificadas as influências fonológicas e lexicais do Português Brasileiro (PB) no *Talian*.

Esses inventários fonológicos foram, posteriormente, analisados através da Teoria da Otimidade, com atenção particular à classe das consoantes fricativas.. Essa análise deteve-se principalmente na evolução fonológica ocorrida nos dialetos vênéticos da época da imigração, meados do SEC. XIX, até a formação do *Talian*, falado atualmente no Rio Grande do Sul, particularmente na cidade de Nova Roma do Sul.

RESUMEN

El presente trabajo ha tenido como objetivo principal el estudio del sistema fonológico consonantal del *Talian*, o Vêneto-Rio-Grandense también conocido como Veneto-Brasileño, que resulta ser el dialecto hablado por los descendientes de los inmigrantes italianos que, a partir de la década de 1870 han colonizado la región nordeste del Estado do Rio Grande do Sul, hoy conocida como Región de Colonización Italiana (RCI).

El estudio se ha centrado específicamente en el *Talian* hablado en la ciudad de Nova Roma do Sul.

Como *corpus* de este trabajo ha sido utilizada la habla espontánea en *Talian* de cuatro informantes de distintas generaciones: dos pertenientes a la segunda generación de descendientes nacidos en Nova Roma do Sul y dos pertenientes a la tercera generación, también nacidos en esa ciudad.

Los sistemas fonológicos consonantales de los dialectos venetos formadores del *Talian* han sido cruzados para que se pudieran verificar las diferencias y semejanzas entre el *Talian* y esos dialectos, como también han sido verificadas las influencias fonológicas y léxicas del Portugués Brasileño (PB) sobre el *Talian*.

Los resultados de esos inventarios fonológicos han sido posteriormente analizados a través la Teoría de la Optimidad, con especial atención a la clase de consonantes fricativas.

Esa analise se ha tenido principalmente en la evolución fonológica ocurrida en los dialectos venetos de la época de la inmigración, a mediados del siglo XIX, hasta la formación del *Talian* hoy hablado en el Rio Grande do Sul, y particularmente en la ciudad de Nova Roma do Sul.

INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui-se na investigação e descrição do sistema consonantal do *Talian*, o Vêneto- Rio-Grandense, ou Vêneto – Brasileiro, falado na região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, região essa conhecida como Região de Colonização Italiana (RCI).

O estudo centra-se no dialeto falado na cidade de Nova Roma do Sul, que constitui o objeto de nossa análise. A escolha de Nova Roma do Sul deve-se principalmente a sua formação étnica e lingüística, pois trata-se de uma cidade onde a maioria das famílias ali assentadas eram de origem vêneta, o que levou, no início de sua formação, a uma coiné Vêneta, precursora do *Talian*, que é a língua usada hoje pelos descendentes de imigrantes do chamado Trivêneto Italiano (Vêneto, Friuli-Venezia-Giulia, Trentino-Alto-Adige).

Na primeira parte deste trabalho, tratamos da origem e formação dos dialetos Vênetos, principalmente dos dialetos que entraram na constituição e formação lingüística de Nova Roma do Sul nos primeiros anos da fundação dessa cidade. Para isso pesquisamos a origem das primeiras famílias de imigrantes assentadas na localidade, a origem dos seus dialetos, bem como com quais famílias interagiram.

Em uma segunda etapa, classificamos o tipo de bilingüismo da região, pois acreditamos que, desde o início da colonização, algum tipo de bilingüismo já existisse, devido aos diferentes dialetos formadores da região.

Em uma terceira etapa, fazemos o cruzamento dos sistemas consonantais dos dialetos formadores de Nova Roma do Sul para chegarmos ao possível sistema consonantal da coiné vêneta forma da na região.

Em uma quarta etapa, fazemos o levantamento do sistema consonantal das informantes desta pesquisa, todas falantes do *Talian* como língua materna. Nessa etapa é feito o cruzamento desses sistemas para chegarmos a um único sistema consonantal das informantes, falantes do *Talian*.

Na quinta etapa, confrontamos o sistema consonantal da coiné vêneta com o sistema consonantal do Português Brasileiro para chegarmos a um inventário dos possíveis fonemas, dos dialetos e do PB, que formariam o sistema consonantal do *Talian*.

Em uma sexta etapa é confrontado esse possível inventário consonantal do *Talian*, formado pelo conjunto que constitui o sistema consonantal da coiné vêneta com o sistema consonantal do PB e com os sistemas consonantais das informantes desta pesquisa. Assim, conseguimos, com todos esses cruzamentos, verificar quais os fonemas da coiné vêneta e quais os fonemas do PB entraram na formação do *Talian* de Nova Roma do Sul.

Na sétima etapa deste trabalho, é apresentada a teoria fonológica, a Teoria da Otimidade (OT), que embasa a análise da mudança fonológica dos dialetos vênets nesse trabalho, até chegar ao sistema do *Talian*.

Na oitava etapa deste trabalho é usada a Teoria da Otimidade para mostrar a mudança fonológica entre o vêneto falado na Itália até meados do sec. XIX, época da imigração italiana, e o *Talian*, língua objeto deste estudo.

Em uma nona etapa tratamos de alguns empréstimos lexicais do PB no *Talian*, o que caracteriza o nosso Vêneto – Rio-Grandense, na fala das informantes.

E por último trazemos as conclusões pertinentes ao trabalho apresentado.

1 DA ITÁLIA À NOVA ROMA DO SUL – SOBRE A IMIGRAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO LINGÜÍSTICA

1.1 Um pouco da história dos dialetos e da imigração dos italianos para o Rio Grande do Sul

1.1.1 A origem dos dialetos falados na Itália

Todos os dialetos falados na Itália derivam do Latim, particularmente do Latim vulgar, sendo que os dialetos das diferentes regiões que hoje formam a Itália sofreram processos evolutivos diferenciados.

Os dialetos falados na Itália não são, como muitos podem pensar, variações originadas do Italiano standard, idioma oficial, o qual, na verdade, teve sua origem em um dialeto Toscano, o dialeto Fiorentino.

Vem daí, da evolução do Latim Vulgar e das diferentes linhas evolutivas que seguiram as variantes lingüísticas, a grande diversidade entre os dialetos falados na Itália, fato também ocorrido na diacronia de línguas românicas, como o Português Europeu, o Português Brasileiro, o Espanhol, e o próprio Italiano.

Assim, cada região do País, cada província (cidade) possui a sua forma característica de fala, o seu dialeto, usado hoje em dia principalmente no âmbito familiar. Para um italiano do norte, por exemplo, Veneziano, poder comunicar-se com um italiano do centro, Fiorentino, ou do sul, um Napolitano, deve usar o Italiano standard (oficial), senão corre o risco de não ser compreendido e de não compreender seus compatriotas, devido às grandes diferenças fonológicas, morfológicas e lexicais entre os dialetos falados por esses cidadãos.

Para termos isso mais claramente, exemplificaremos em (1) algumas diferenças na evolução do Latim para o Dialeto Toscano (Fiorentino) e o Dialeto Vêneto, (Lepschy,1981)¹.

(1)

LATIM	TOSCANO	VÊNETO	
a) <i>ăpĕm</i>	[<i>'ape</i>]	[<i>'ava</i>]	(abelha)
b) <i>ăcĕtŭm</i>	[<i>'tʃeto</i>]	[<i>'zeo</i>]	(vinagre)
c) <i>ămĭcŭm</i>	[<i>'miko</i>]	[<i>'migo</i>]	(amigo)
d) <i>clămăt</i>	[<i>'kjama</i>]	[<i>'tʃama</i>]	(chama)
e) <i>caballum</i>	[<i>ka'vallo</i>]	[<i>ka'valo</i>]	(cavalo)

Como podemos perceber em (1), na evolução do Latim Vulgar para o dialeto Toscano e para o dialeto Vêneto, algumas variações ocorreram: em (a), (b), (c), ocorreu uma sonorização /p/ > /v/ em (a) , /tʃ/ > /z/ em (b), /k/ > /g/ em (c), sendo que em (a) e em (b), ocorreu também uma fricativação; em (d) houve a palatalização de /k/ > /tʃ/, e em (e) houve uma degeminação de /ll/ > /l/.

¹ Embora o autor tenha apresentado os exemplos em sua manifestação fonética, por seu texto deve entender-se que tem plena correspondência com a representação fonológica.

1.1.2 A imigração italiana no Rio Grande do Sul

Mesmo após a unificação da Itália em 1870, os problemas sócio-econômicos, anteriormente existentes no país, não acabaram, principalmente nas regiões montanhosas do norte da Itália.

Assim, quando em 1870 o governo imperial do Brasil resolveu povoar as terras do sul do País, muitos habitantes do norte da Itália, principalmente pequenos agricultores e empregados de latifundiários, aventuraram-se na travessia do oceano Atlântico em busca de terras para plantar.

Essa imigração em massa deu-se a partir do ano de 1875, diminuindo em 1900.

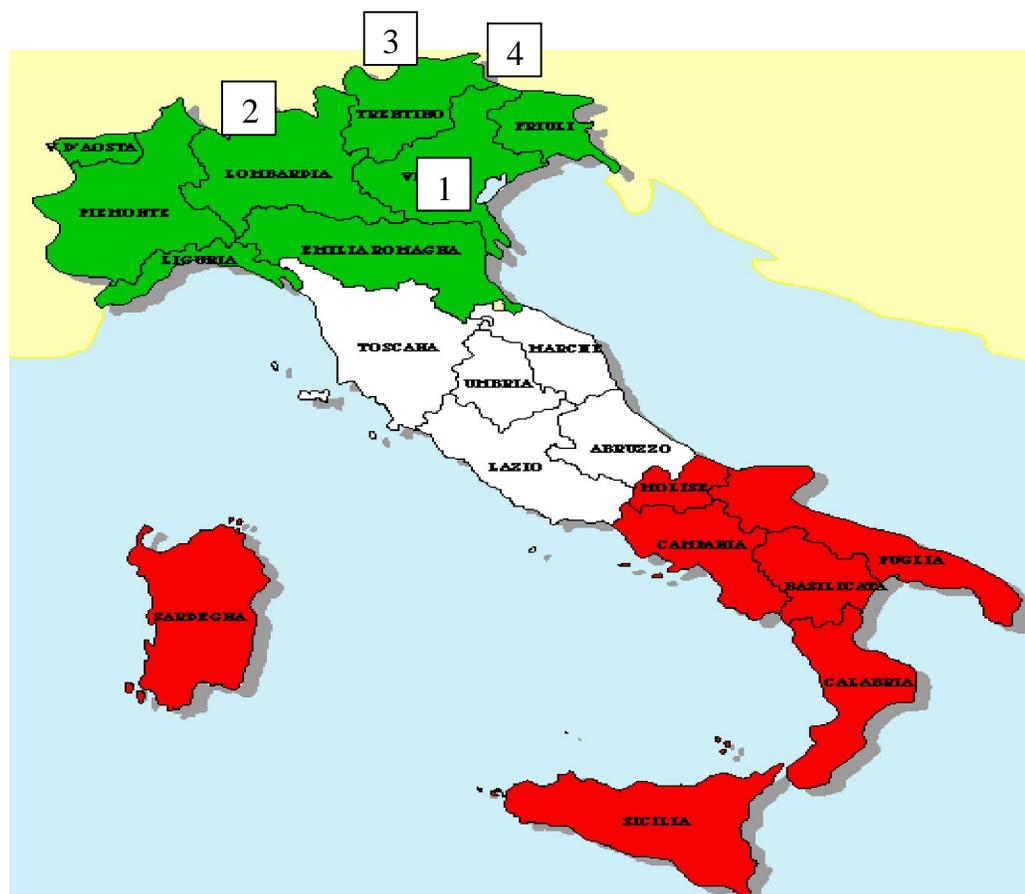
Do norte da Itália, o chamado trivêneto (Vêneto, Trentino Alto-Adige, Friuli-Veneza-Giulia) e a Lombardia foram as regiões que mais contribuíram numericamente com imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, os quais tinham predominantemente origem nas seguintes cidades ou províncias:

- a) da região do Vêneto: o maior êxodo foi de Beluno, seguida por Vicenza, Treviso e Verona; por fim Pádua, Veneza e Rovigo. O fato de o maior número de pessoas originar-se de Beluno explica-se por ser essa uma região montanhosa, menos propensa à agricultura. Já Vicenza, Treviso e Verona situam-se em regiões mistas, montanha e planície.
- b) da região do Trentino Alto-Adige: a maior contribuição foi de Trento, que é geográfica e lingüisticamente ligada ao vêneto (Beluno, Verona e Vicenza).
- c) da região de Friuli-Veneza-Giulia: Goriza e Trieste foram as cidades friulanas que mais trouxeram imigrantes para o Rio Grande do Sul.
O principal motivo da evasão dessa região foi a aridez e a pobreza; outro motivo foi a proximidade com as províncias de Treviso e Beluno, de características emigratórias.
- d) da região da Lombardia: Cremona, Mântua (Mantova) e Bergamo foram as províncias com maior representação na imigração devido à proximidade geográfica, político-cultural e lingüística com o Vêneto.

Assim, a maioria numérica de imigrantes possuía algo a mais em comum além da área geográfica, da miséria e da fome. Laços culturais e lingüísticos os uniam. E assim, chegando em terras estrangeiras esses laços foram se fortalecendo cada vez mais com a formação de várias comunidades mistas, constituídas pelas diferentes origens italianas, o que ainda hoje caracteriza a nossa serra gaúcha como sendo “terra de gringos”, que hoje são os descendentes desses primeiros desbravadores, os **Ítalo-Gaúchos**.

As quatro regiões italianas que mais contribuíram para a formação étnica e lingüística da região de colonização no Rio Grande do Sul estão marcadas no Mapa da Itália, mostrado na Figura 01.

Figura 01 - Mapa da Itália



1 Veneto

3 Trentino Alto-Adige

2 Lombardia

4 Friuli-Venezia-Giulia

As diferentes cores no mapa representam apenas as cores da bandeira do País, pretendendo indicar sua unidade.

1.1.3 Nova Roma do Sul

A escolha da cidade de Nova Roma do Sul para constituir-se foco do presente estudo deve-se principalmente a sua formação étnica e lingüística.

Nova Roma do Sul localiza-se no nordeste do Rio Grande do Sul, região conhecida como Região de Colonização Italiana (RCI), entre o rio das Antas e o rio da Prata – observe-se a Figura 02, que apresenta o Mapa do Rio Grande do Sul. Faz divisa com os seguintes municípios: Antônio Prado ao norte, Nova Pádua ao leste, Farroupilha ao sul, Bento Gonçalves, Veranópolis e Vila Flores ao oeste. Possui uma área de 147 km² e uma população em torno de 3000 habitantes, sendo a maioria constituída de agricultores.

No início de sua formação, Nova Roma do Sul fazia parte do município de Antônio Prado, vindo a ser emancipada no ano de 1987 através da Lei 8.423, de 30 de novembro do mesmo ano, assinada pelo então governador do Estado, Sr. Pedro Simon.

As primeiras eleições municipais ocorreram em 15 de novembro de 1988 e o primeiro governo municipal tomou posse em 1º de janeiro de 1989.

Embora novo como município emancipado, Nova Roma do Sul tem desde o início da sua formação, com os primeiros imigrantes chegando em 1888, uma grande história de conquistas e muito trabalho realizado pelos imigrantes vindos principalmente do norte da Itália, o chamado Trivêneto (Vêneto, Trentino-Alto Adige, Friuli-Venezia Giulia).

Figura 02 - Mapa do Rio Grande do Sul, com os primeiros núcleos habitacionais dos imigrantes italianos



A localização de Nova Roma do Sul fica entre Antônio Prado e Veranópolis; salientamos que Nova Roma do Sul, antes de emancipar-se, era distrito de Antônio Prado.

1.1.3.1 A formação étnica de Nova Roma do Sul

Em 1888 chegavam os primeiros imigrantes italianos em Nova Roma do Sul para ocuparem as terras prometidas pelo governo brasileiro. Eram italianos vindos de várias partes da Itália, mas principalmente do norte, conforme já foi referido. Segundo dados do livro “Nova Roma do Sul – A construção Social de um Espaço” (Panozzo, 1996), estas eram as origens da maioria das famílias de imigrantes que se estabeleceram em Nova Roma do Sul:

Quadro 01 - Famílias em Nova Roma do Sul

Província Italiana	Número famílias
Treviso	16
Vicenza	10
Feltre	08
Beluno	09
Cremona	09
Mantova	05
Padova	02
Veneza	02

Todas as cidades referidas no Quadro 01 são pertencentes ao Trivêneto, norte da Itália.

Essa formação confirma os estudos feitos por Vitalina Frosi e Cirio Mioranza em seu livro “Imigração Italiana no Rio Grande do Sul” (1975), o qual, segundo levantamentos efetuados na Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul nos anos de 1973 e 1974 sobre a origem dos imigrantes italianos, oferece os dados apresentados no Quadro 02.

Quadro 02 - Percentual de imigrantes vênnetos

Província	Percentagem
Vicenza	32%
Beluno	30%
Treviso	24%
Padova	8%
Verona	4%
Veneza	1,5%
Rovigo	0,5%

Esse Quadro 02 confirma a supremacia em percentagem de descendentes das cidades de Vicenza, Treviso e Beluno, todas da região do Vêneto, na formação de RCI, e, conseqüentemente, de Nova Roma do Sul.

Outro quadro, Quadro 03, também baseado em Frosi e Mioranza (1975), mostra a supremacia dos imigrantes vindos do Vêneto em relação às outras regiões da Itália.

Quadro 03 - Supremacia dos vênnetos

Imigrantes	Percentagem
Vênetos	54%
Lombardos	33%
Trentinos	7%
Friulanos	4,5%
outros	1,5%

1.1.3.2 O fenômeno lingüístico em Nova Roma do Sul

Passados 117 anos desde que os primeiros imigrantes chegaram em Nova Roma do Sul, e 18 anos da sua emancipação, a cidade, ainda hoje, conserva muito de suas características lingüísticas. Ainda hoje o *Talian*, a coiné² Veneta-Brasileira ou o Veneto-Rio-Grandense, é falada juntamente com o Português Brasileiro.

O *Talian*, aprendido somente no convívio familiar e social no plano oral, foi passado às gerações mais jovens. Mesmo fazendo alternância do seu uso com o Português Brasileiro, é possível, ainda hoje, encontrar falantes desse dialeto em Nova Roma do Sul e também em grande parte da Região de Colonização Italiana.

O *Talian*, de um lado, ainda se identifica na sua estrutura com os dialetos italianos que o formaram e, por outro lado, apresenta características próprias resultantes do cruzamento desses dialetos e do Português Brasileiro.

As 2ª e 3ª gerações nascidas aqui no Brasil que falam o *Talian* e o Português Brasileiro foram os informantes para esse trabalho. Esses indivíduos aprenderam primeiro a falar o *Talian* e depois o Português Brasileiro (cap. 5).

É do *Talian*, de sua formação, do uso na comunidade de Nova Roma do Sul e da interação entre o *Talian* e o Português Brasileiro que trata este trabalho.

1.2 Os primeiros dialetos falados na Região Gaúcha de Colonização Italiana (RCI)

Como já foi referido, Nova Roma do Sul foi formada principalmente por três grandes grupos de Vênetos, os Vicentinos, os Trevisanos e os Feltrinos-Beluneses (Quadro 01).

No início, cada grupo de imigrante e cada indivíduo falava a língua de sua terra natal, região ou cidade de origem. Como aqui no Brasil a instalação de imigrantes não foi de forma ordenada, as várias colônias que se formaram foram constituídas por imigrantes vindos de diferentes regiões e cidades italianas, caracterizando-se por serem colônias mistas do ponto de

² Coiné: do grego, língua comum que todos falam.

vista lingüístico. Assim, fez-se necessário formar uma língua comum a todos para haver a integração entre os imigrantes, que eram estranhos entre si e estranhos em uma terra desconhecida.

Aos poucos essa interação e integração fez com que prevalecesse um determinado dialeto ou língua falada pela maioria em detrimento de outra. Para essa fusão que houve entre os dialetos, o número de falantes de determinado dialeto teve muita importância, já que a minoria começava a aprender a variante do grupo majoritário e a utilizá-la para comunicação. Sendo assim, o grupo Vêneto, maioria na formação da Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul, se impôs sobre os outros dialetos.

Dentre os dialetos **Vênetos**, os dois grupos de maior influência foram o *Vicentino-Paduan-Polesano* e o grupo *Trevisano-Feltrino-Belunês*. Dentre os dialetos **Lombardos**, os dois grupos de maior relevância foram o *Milanês-Bergamasco* e o *Mantuan-Cremonês*. Esses grupos Vênetos e Lombardos formaram-se devido às proximidades geográficas na Itália e devido à similaridade de seus dialetos.

Em um primeiro momento, os grupos Vênetos se interinfluenciaram e se integraram formando um único grupo de fala Vêneto, identificado como o grupo dos Vênetos, ocorrendo o mesmo com os dois grupos Lombardos, os quais deram origem a um único grupo Lombardo. Dessa maneira, os dialetos formados na região dependiam da origem dos imigrantes, Vênetos ou Lombardos.

Se a maioria dos falantes fosse Vêneto, o dialeto falado entre os imigrantes era uma mistura dos dialetos Vênetos; se a maioria formadora fosse Lombarda, o dialeto falado seria uma mistura dos dialetos Lombardos.

Também aos poucos um novo sistema lingüístico era criado com a mistura e interinfluência do grande grupo Vêneto com o grande grupo Lombardo, dando origem a uma *Coiné* italiana com predominância de características do grupo Vêneto.

Segundo Frosi e Mioranza (1975), o surgimento desses novos grupos dialetais e as características que passavam a mostrar podem ser atribuídas a vários fatores, dentre os quais podem ser apontados:

- a) Maior representatividade numérica de habitantes oriunda de uma determinada região ou província italiana;
- b) Maior coesão de um grupo numericamente inferior;
- c) Maior presença de determinado grupo de falantes de um dialeto no desenvolvimento de atividades no comércio e na indústria;
- d) Maior presença cultural de um grupo étnico determinado.

Sobre os dialetos Vênetos é importante a divisão em regiões. Observemos a figura 04.

Figura 04 – Limites das principais províncias do vêneto



RO = ROVIGO (Polese) VR = VERONA PD = PADOVA

VI = VICENZA TV = TREVISO BL = BELUNO VE = VENEZA

Nesse mapa vêem-se os limites geográficos das províncias do vêneto, que nos ajudam a entender a interinfluência e inter-relação entre os dialetos que formaram os dois grandes grupos vênéticos de interesse para esta pesquisa, que são o Padovano-Vicentino-Polesano, e o Trevisano-Feltrino-Belunês, os quais foram os principais formadores da linguagem falada em Nova Roma do Sul, como vimos no Quadro 01.

1.2.1 A linguagem usada pelos Ítalo-Gaúchos e o contato com o Português Brasileiro (PB)

A história dos Ítalo-Gaúchos demonstra que o bilingüismo ou o multilingüismo já integrava a vida dessa comunidade no Rio Grande do Sul desde a sua instalação.

Os primeiros imigrantes vindos do Trivêneto e da Lombardia chegaram no Estado entre os anos de 1875 e 1945. Aqui chegando, foram mandados para a região nordeste, que é a serra gaúcha. Essa região foi sendo ocupada pelos imigrantes “italianos” vindos das diferentes regiões da Itália, principalmente da região chamada o Trivêneto (Vêneto, Trentino-Alto Adige, Friuli-Venezia Giulia) e da Lombardia, conforme já foi referido. Na verdade, não eram italianos mas, sim, Vênetos, Lombardos, Trentinos, Friulanos, etc, isso porque, na época, a Itália não era o País como hoje conhecemos.

Esses imigrantes oriundos de diversas regiões italianas falavam os seus dialetos de origem, pois o idioma Italiano standard, que se originaria do dialeto Toscano, ainda não era conhecido e nem falado por muitos dos que viriam a formar o povo italiano. Sendo assim, aqui se formaram comunidades de fala dialetal mista, como foi explicitado anteriormente, em que um Mantuano tinha como vizinho um Vicentino, ou um Cremonês tinha como vizinho um Trevisano, por exemplo. Com o tempo, a necessidade de comunicar-se entre si e em decorrência também dos casamentos realizados entre pessoas de diferentes dialetos, começou a formar-se a princípio uma nova língua, constituída principalmente pelos dialetos Vêneto e Lombardos, de acordo com os dados já mostrados no presente estudo. Portanto, os grandes grupos de imigrantes de fala Vêneto e Lombarda e, mais tarde, falantes do Trentino e o Friulano formaram as comunidades da região da serra gaúcha, os quais, com o tempo, se espalharam pelo resto do nosso Estado e por outros Estados Brasileiros.

O difícil acesso às comunidades italianas formadas na serra, pois não havia, naquela época, estradas em condições de uso, normalmente eram picadas abertas no mato, contribuiu para manter uma comunidade dialetal com identidade própria, com pouca influência do Português Brasileiro falado na região.

O contato com os Luso-Brasileiros era restrito aos poucos produtores que saíam da colônia para vender seus produtos na região do rio Caí e Porto Alegre. Por esse caminho

começou a integração com a sociedade brasileira por parte dos imigrantes. No início muito tímida, essa integração foi tornando-se cada vez maior e mais forte, trazendo o desenvolvimento econômico à região.

O contato dos imigrantes que já falavam a Coiné Trivêneto-Lombarda com os Luso-Brasileiros fez surgir um novo tipo de Coiné, hoje conhecida como *Talian*, a língua dos descendentes de imigrantes italianos, também chamada de *O Vêneto-Brasileiro*, ou, ainda, de *o Vêneto-Rio-Grandense*.

É esse dialeto, ou Coiné Vêneto-Brasileira (*Talian*), que ainda hoje é falado nas pequenas cidades da região de colonização italiana, principalmente no âmbito familiar, onde o dialeto se mantém como o meio mais freqüente de comunicação e, em muitos casos, é a língua materna (LM) de integrantes de muitas famílias daquela região.

Passados 130 anos desde que os primeiros imigrantes-desbravadores chegaram ao Estado, muito foi feito para preservar a cultura e a língua desse povo, que, sem dúvida, contribuiu e ainda contribui para o engrandecimento do Rio Grande do Sul. Mas o desafio maior é preservar a língua aqui formada – *Talian* – pelos descendentes dos imigrantes italianos juntamente com os brasileiros. Cabe a essas comunidades ensinar a língua aos seus filhos e netos, mantendo, assim, a história de vida de um povo que aqui chegou há 130 anos e aqui criou raízes, formando, assim, os Ítalo-Gaúchos.

1.2.2 Fatores Extralingüísticos que levaram à inter-relação entre o Talian e o Português Brasileiro

Devido à forma como se deu a formação da RCI, esta facilitou a existência de comunidades mistas, já que não foram adotados critérios lingüísticos-dialetológicos em sua constituição. No processo das posses dessas terras na RCI foi observado somente o critério geográfico, sendo que o povoamento das terras deu-se na direção sul-norte. Com isso, foram-se formando comunidades lingüisticamente mistas de acordo com a chegada dos imigrantes ao Estado, o que facilitou os cruzamentos dialetais.

Nova Roma do Sul é um exemplo dessa constituição mista, pois, num total de 62 famílias assentadas em 1888, 48 eram originárias do Vêneto (seção 1.1.3.1), 14 famílias eram

Lombardas. Isso levou à formação de uma comunidade mista, mas com predomínio do dialeto Vêneto nessa comunidade.

Pensando nas interinfluências dialetais, deve-se levar em conta a importância da religião e da localização das Capelas (Frosi, 1987). É ao redor dessas que surgem a cancha de bocha, a bodega, onde aos domingos e feriados se reuniam os homens para conversar, relatar as experiências vividas durante a semana, jogar cartas, etc. É nesse meio que as inter-relações e os cruzamentos dialetais se formavam e se fortificavam, com a prevalência dos dialetos Vênetos. Com o tempo, esses dialetos começaram ser suplantados pela Língua Portuguesa.

Considerando tal percurso histórico, apresentam-se, a seguir, os elementos extralingüísticos que contribuíram de forma efetiva para que a relação entre o dialeto Vêneto e o Português fosse mudando de foco, ou seja, em um primeiro momento houvesse a supremacia do primeiro e, em um segundo período, passasse a haver a supremacia do segundo.

1.2.3 Conservação dos dialetos italianos e maior difusão do Vêneto em relação aos outros dialetos

Os elementos extralingüísticos que influenciaram os vários dialetos italianos e a conservação dos mesmos e que favoreceram a maior difusão do Vêneto em relação aos outros dialetos foram os seguintes (Frosi, 1987):

- a) o sistema de divisão das terras destinadas aos colonizadores italianos, a posse dos lotes coloniais, a abertura de estradas nos “travessões”³ e a formação dos primeiros núcleos de população;
- b) a construção de estradas vicinais que ligavam os diversos travessões; o nascimento dos aglomerados espontâneos e a formação de pequenas comunidades;

³ Conjunto de lotes de uma colônia

- c) a presença absoluta dos imigrantes italianos e dos seus descendentes assentados no mesmo travessão ou nos pontos de encontro dos mesmos (eram raras as outras etnias);
- d) os matrimônios entre pessoas do mesmo dialeto e de dialetos diferentes;
- e) as vias de comunicação precárias, que mantinham o imigrante no isolamento em relação às outras regiões do Estado e da Nação;
- f) o maior número de Vênetos em relação aos outros grupos italianos;
- g) a maior presença dos Vênetos no comércio e na indústria (fábrica de móveis, chapéus de palha, etc.);
- h) a função religiosa, sócio-econômica e cultural das Capelas.

1.2.4 Supremacia do Português sobre o dialeto Vêneto

Entre os elementos extralingüísticos que contribuíram para que progressivamente o dialeto Vêneto cedesse a supremacia à língua Portuguesa falada pelos nativos do país e que favoreceram os encontros entre esses dois sistemas de expressão estão os seguintes (Frosi, 1987):

- a) a proibição, por parte do governo brasileiro durante a 2ª guerra mundial, de falar os dialetos dos imigrantes;
- b) as melhorias nas vias de comunicação entre a região e o resto do Estado;
- c) o crescimento econômico que levou à integração com outras regiões do Estado;
- d) o êxodo rural do elemento português-africano da zona dos pampas para as cidades mais desenvolvidas da RCI em busca de trabalho;
- e) a eletrificação rural e a sucessiva introdução do rádio e da televisão;
- f) maior prestígio da língua portuguesa como língua oficial ensinada na escola e usada nos meios de comunicação social;
- g) o desprezo da fala dialetal italiana como linguagem depreciada, identificando-a como fala de colonos;
- h) a instrução escolar primária possível aos descendentes italianos;

- i) a mecanização da agricultura, as melhorias nas vias de comunicação, favorecendo a locomoção dos Ítalo-Brasileiros com os centros urbanos e, mais tarde, o abandono da terra, indo o Ítalo-Brasileiro morar na cidade.

Os elementos extralingüísticos que influenciaram os dialetos na sua conservação e fusão levando ao domínio do dialeto Vêneto (seção 1.2.2), fazem parte das três primeiras fases da evolução dos dialetos italianos, isto é:

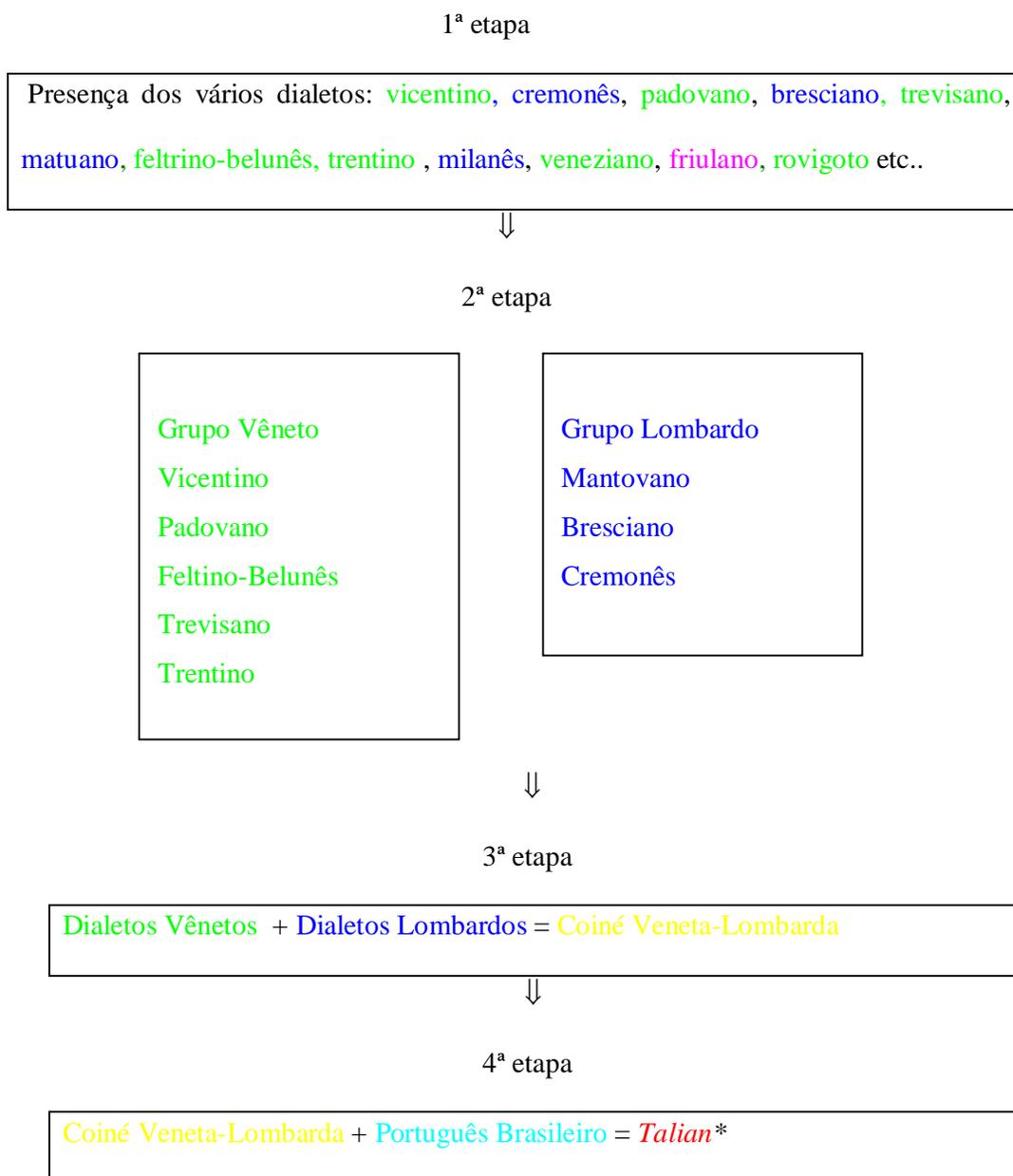
- 1) os dialetos afins interagem e desaparecem aqueles que tinham pouca representatividade na RCI;
- 2) os dialetos de regiões diferentes da Itália interagem entre si;
- 3) há a formação de uma língua comum do tipo Vêneto (coiné Vêneto-Lombarda), resultante do cruzamento entre os dialetos Vênetos de maior representatividade na RCI (Vicentino, Feltrino-Belunês, Trevisano, Padovano e Trentino), mais as influências dos dialetos Lombardos (Mantuano, Bresciano, Cremonês, etc), e, por último, a influência do PB.

Com a entrada do elemento português na RCI, o avanço comercial entre os Italianos e os Brasileiros fez surgir um outro tipo de coiné, a coiné Veneta-Brasileira, ou seja, *o Talian*.

Aqui começa a quarta fase de evolução dos dialetos italianos na região, com a entrada e o uso cada vez maior do PB, que teve como mola propulsora dessa inter-relação os elementos extralingüísticos que favoreceram os encontros entre esses dois sistemas (seção 1.2.2).

Resumindo-se o processo evolutivo dos dialetos italianos e de sua inter-relação com o Português na RCI, podemos ter o seguinte esquema, mostrado na figura 05:

Figura 05 Dos dialetos italianos e de sua inter-relação com o Português na RCI



*Manutenção do *Talian*, a coiné Vêneto-Brasileira até os dias de hoje.

Não se tem como precisar o período em que essas etapas ocorreram e qual foi a sua duração, até chegarmos ao *Talian* falado hoje. Pode-se ter como base para o bilingüismo da região a década de 50, que é quando a RCI começou a se desenvolver economicamente, integrando-se ao resto do Estado e da Nação.

1.3 BILINGÜISMO

1.3.1 Alguns conceitos

Partindo-se do pressuposto, já estabelecido na área de aquisição de primeira língua (por exemplo: Lamprecht, 1990; Matzenauer-Hernandorena, 1990), de que a criança aos 5 anos de idade já tenha adquirido os aspectos básicos do sistema fonológico da língua materna (LM), e considerando o Vêneto-Brasileiro (*TALIAN*) a LM de muitos falantes da região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul – região objeto da presente pesquisa –, além de levar-se em conta o fato do contato do *Talian* com o PB, é imprescindível pensar-se na existência de uma variedade de bilingüismo na comunidade que aqui foi objeto de estudo.

Entende-se existir bilingüismo, em se tratando dos integrantes da comunidade investigada, no caso dos indivíduos que falam os dois idiomas, o *Talian* e o PB. Na quase totalidade dos casos, o *Talian* é adquirido como LM e o PB como segunda língua (L2). Ainda hoje em muitas famílias o *Talian* é a primeira língua à qual a criança é exposta, mais ou menos até a idade escolar (7 anos), quando, então, a criança começa sistematicamente a entrar em contato com o PB e a utilizá-lo, além de adquirir a sua forma escrita na escola. Nesse contexto, o PB será para o aprendiz uma L2, já que cresceu ouvindo seus pais falando o *Talian*. E com base nessa língua que essas crianças formam o seu sistema fonológico.

Mozzillo de Moura (1997) diz que vários tipos de bilingüismo são identificados na literatura especializada; desde o indivíduo falante de uma língua que não é de todo um monolíngüe, já que o sujeito pode desenvolver uma das quatro habilidades lingüísticas (fala,

compreensão, leitura e escrita) em outra língua, até o indivíduo equilíngüe, o qual passa por nativo em mais de uma língua.

Sendo assim, qualquer indivíduo que esteja aprendendo um idioma novo pode ser considerado bilíngüe, levando-se em conta uma das competências lingüísticas.

Será bilíngüe incipiente aquele que lê em outro sistema, e será bilíngüe passivo ou receptivo aquele que compreende, mas não fala a outra língua.

Também são considerados bilíngües os aprendizes que dominam todas as competências (fala, compreensão, leitura e escrita), mas não a ponto de mimetizarem-se como um nativo. São considerados equilíngües, conforme já foi referido, os indivíduos que passam como sendo falantes nativos em mais de um idioma.

Ainda, de acordo com Renzo Titone (1993), o bilingüismo consiste na capacidade, por parte do indivíduo, de exprimir-se em uma segunda língua, aderindo fielmente aos conceitos e estruturas que são próprias àquela determinada língua, ao invés de parafrasear a língua nativa. O sujeito bilíngüe transita livremente entre códigos lingüísticos diferentes, pois possui dois sistemas lingüísticos independentes e paralelos, considerando-se que seu pensamento está diretamente ligado às expressões verbais próprias de cada língua.

Já Bloomfield, que foi importante lingüista vinculado ao Estruturalismo Americano (apud Titone Renzo 1993), via o bilingüismo como um processo de uso de duas línguas da maneira como o faz um falante nativo. Essa visão, segundo W. F. Mackey (apud Titone Renzo 1993), é que tem criado obstáculos à análise e explicação dos fenômenos de bilingüismo, já que:

- 1 é impossível definir o grau de perfeição de um sujeito bilíngüe em relação à 2ª língua;
- 2 não existe a absoluta igualdade (100%) no domínio de duas línguas.

A proposta de Mackey é de fugir-se à definição de que bilíngüe é o indivíduo que domina igualmente duas línguas, e sugere uma nova análise dos vários aspectos do fenômeno do bilingüismo, a qual nos leve à uma classificação sistemática das complexidades implicadas no uso de duas ou mais línguas.

Dentre algumas considerações, cabe ressaltarmos alguns pontos destacados a seguir.

Existem diversos tipos de indivíduos bilíngües: há aqueles que se encontram à vontade nas duas línguas, que falam a segunda língua fluentemente, mas com alguns traços da língua materna (sons, estruturas ou vocabulário). Há falantes que dominam a sintaxe e o vocabulário das duas línguas, mas a pronúncia de somente uma delas. Há falantes que dominam a pronúncia das duas línguas, mas não o vocabulário ou a sintaxe da segunda língua. Há falantes que usam as línguas em setores diversos, isto é, usam uma língua para assuntos profissionais e outra para questões familiares, por exemplo, como também há aqueles que conversam em uma língua e brigam em outra.

Outro item a ser considerado é que os bilíngües não são sempre igualmente bilíngües. Existem períodos de oscilação entre as duas línguas. Às vezes uma língua é mais proeminente que outra, dependendo de quando e por que se faz uso de determinada língua – é o que parece ocorrer, por exemplo, no caso do *Talian* falado em Nova Roma do Sul, em que o uso atualmente se restringe basicamente ao âmbito familiar ou em reuniões não formais, como festas, carteados no bar da esquina, velórios e outras reuniões cuja natureza ou motivação inclua exclusivamente membros da comunidade, com caráter afetivo e/ou familiar.

Ainda outro dado a ser levado em conta, quando se trata de bilingüismo, é o prestígio social das línguas usadas na mesma comunidade.

Ainda segundo Mackey (apud Titone, R. 1993), existem seis grandes aspectos que não podem ser desconsiderados quando se trata do fenômeno bilingüismo em uma determinada comunidade:

1) O número de Línguas implicadas: dependendo desse fato, há a possibilidade de haver o multilingüismo (mais de 2 línguas).

2) Tipos de Línguas usadas: as línguas podem apresentar alguma relação entre si: se são línguas afins, como o Português Brasileiro e o Italiano (vindos do Latim), ou se são línguas não correlatas como o PB e o Alemão, por exemplo.

3) Influência de uma Língua sobre outra: línguas em contato podem causar ou sofrer influências fonéticas e fonêmicas, influências lexicais, influências estruturais.

4) Grau de domínio: o domínio de uma língua vai de um estado comparável com aquele de um nativo a estados sempre dele mais afastados.

5) Oscilação: em diferentes períodos um bilíngüe pode apresentar preferências por uma língua ou outra diante de situações ou argumentos diversos.

6) Função Social: as diferentes situações e os diversos níveis sociais da comunicação levam o indivíduo bilíngüe ou multilíngüe a usar uma ou outra língua que conheça: a língua do cliente, o dialeto familiar, a língua oficial com pessoas de condição e nível superior, etc.

Por todos esses fatores intervenientes no bilingüismo e que, inclusive, o caracterizam, falar de equilingüismo, em que haja equilíbrio entre duas ou mais línguas, passa a ser muito difícil e arriscado.

1.3.2 Tipos de Bilingüismo

Várias são as classificações e conceitos de bilingüismo. Para este trabalho segue-se a classificação de Romaine (1995), já adaptada por De Marco (2003) em sua dissertação de mestrado, que leva em conta fatores como a língua nativa dos pais, a língua da comunidade e a estratégia que os pais utilizam ao falar com a criança.

Assim, identificam-se os seguintes tipos de bilingüismo:

a) Uma Pessoa – uma língua

Pais: os pais possuem línguas nativas diferentes e cada um tem um determinado grau de competência na língua do outro.

Comunidade: a língua de um dos pais é a língua da comunidade

Estratégia: cada um dos pais fala com a criança em sua língua desde o nascimento.

b) Língua não-dominante em casa – uma língua – um ambiente

Pais: os pais possuem línguas nativas diferentes.

Comunidade: a língua de um dos pais é a língua dominante da comunidade.

Estratégia: os pais falam na língua não-dominante com a criança, a qual é inteiramente exposta à língua dominante somente fora de casa, principalmente na escola maternal.

c) Língua não-dominante em casa sem o suporte da comunidade

Pais: os pais possuem a mesma língua nativa.

Comunidade: a língua dominante não é a dos pais.

Estratégia: os pais falam em sua própria língua com a criança.

d) Duas línguas não-dominantes em casa sem o suporte da comunidade

Pais: os pais possuem línguas nativas diferentes.

Comunidade: a língua dominante é diferente da dos pais.

Estratégia: cada um dos pais fala com a criança em sua própria língua desde o nascimento.

e) Pais não-nativos

Pais: os pais possuem a mesma língua nativa

Comunidade: a língua dominante é a mesma língua dos pais.

Estratégia: um dos pais se dirige à criança em uma língua que não é a sua língua nativa.

f) Mistura de Línguas

Pais: os pais são bilíngües

Comunidade: setores da comunidade também podem ser bilíngües

Estratégia: os pais utilizam alternância de códigos e mistura de línguas.

Com base nessa classificação de bilingüismo de Romaine (1995), pode-se dizer que a situação de relação lingüística na região estudada, Nova Roma do Sul, é de mistura de línguas, conforme caracterizado acima.

É interessante aqui citarmos a fala de I1G3⁴, uma das informantes da presente pesquisa, onde ela conta a estratégia que usa quando está atendendo na bodega onde trabalha: “se mi ghe rispondi in *Talian* i me varda con due occi attraversadi; lora mi toca sempre risponderghi ntel balcon, procurar risponderghe in portugues, che loro quel che le lá che ascolta, sente la risposta e imagina quanto che le altro me gha domandà, perché se no resta una situasson meza braba” (se eu lhe respondo em *Talian* eles me olham com dois olhos atravessados, então tenho que sempre responder-lhes no balcão, procurar responder em português, que eles que estão lá que escuta, ouve a resposta e imagina o que o outro me perguntou, porque senão fica uma situação meio braba). Com esse depoimento de I1G3, pode-se inferir que, na situação de diálogo no dia-a-dia, há a prática de mistura de línguas e alternância de códigos; isso é normal e freqüente para esses falantes ainda nos dias de hoje. No exemplo, a atendente tem de misturar o *Talian* e o Português para que possa ser plenamente compreendida por não-falantes de *Talian*.⁵

Também pode ser comprovada essa mistura de línguas nas gravações e transcrições das próprias falas dos informantes da pesquisa, onde, por exemplo, vemos a informante I2G3⁶ usar a expressão “MI SON SOLTERA”, sendo que a palavra “SOLTERA” não pertence ao léxico dos dialetos formadores da coiné e nem ao Italiano standard, sendo assim uma influência do léxico do Português Brasileiro. Outros exemplos podem ser comprovados nas falas das outras informantes, como, por exemplo, o uso da palavra “BAILE” ao invés de “BALO”, pela informante I2G2⁷. Retomaremos esse assunto mais adiante em outro capítulo (cap. 5), onde trataremos de influências lexicais.

Sabe-se que diferenças fonológicas existem entre os diferentes dialetos das comunidades formadoras da RCI e de Nova Roma do Sul, bem como entre o *Talian* e o PB, como, por exemplo, a ausência dos fonemas / ʃ /, / ʒ /, / ʎ / e /r/, em alguns dos dialetos

⁴ I1G3 – primeira informante da segunda geração

⁵ Os não-falantes de *Talian*, imigrantes recentes moradores oriundos de outras localidades luso-brasileiras que não falam o *Talian*, sentem-se constrangidos diante de um grupo que está se comunicando em *Talian*. Pela gravação da referida informante, em sua bodega essas pessoas mostram desconfiança de que estejam sendo o alvo da conversa.

⁶ I2G3 – segunda informante da terceira geração – ver cap. 2

⁷ I2G2 - Segunda informante da Segunda geração – ver cap.2

formadores da fala da região e, conseqüentemente, no *Talian* nos primeiros anos de sua formação, e a presença dos mesmos no PB. Sendo assim, a criança que tem como LM o *Talian*, quando vai à escola, não terá ainda adquirido todos os fonemas que integram o sistema do PB.

Sabe-se que está diminuindo o uso do *Talian* nas comunidades italianas do Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, está decrescendo a influência do *Talian* nos mais jovens. Com a chegada da televisão às colônias e a facilidade de acesso à escola, o aprendizado e o uso do PB é bem maior do que na época dos avós da atual geração jovem. Mas mesmo com o decréscimo do número de falantes do *Talian*, muito ainda se têm preservado da língua e da cultura da comunidade, passados 130 anos de colonização. Sendo assim, ainda hoje se encontram algumas comunidades de imigração italiana que têm o *Talian* como falar característico de seus integrantes.

Nos grupos de pessoas mais idosas da comunidade estudada – Nova Roma do Sul – verifica-se um bilingüísmo do tipo *mistura de línguas* atuante e forte, pois o *Talian* falado em casa é também a língua utilizada por essas pessoas de idade mais avançada e por alguns jovens nos encontros dominicais na paróquia, nas festas típicas da região de colonização italiana, como o “filó” (sarau), onde a comunidade se reúne para trocar experiências de trabalho, fazer jogos e brincadeiras, trabalhos de artesanato, cantar músicas da saudosa Itália em *Talian*, fazer comidas típicas, com o intuito de preservarem um pouco da sua história e identidade – é o *Talian* que é usado, conforme já foi referido, em reuniões cuja natureza ou motivação inclua exclusivamente membros da comunidade, e que tenham caráter afetivo e/ou familiar.

Também se pode notar que a “mistura de línguas” é bem maior e mais forte nos jovens, pois esses, cada vez mais cedo, entram em contato com o PB.

2 METODOLOGIA

2.1 Informantes e procedimento pesquisa

Neste capítulo é apresentada a metodologia utilizada na presente investigação: são caracterizados os sujeitos que forneceram o *corpus* da pesquisa, é explicado o modo como foram coletados os dados, bem como o encaminhamento da análise dos resultados. Também são apresentados os sistemas fonológicos relevantes para o estudo aqui proposto.

2.1.1 Caracterização dos informantes

Para o presente trabalho foram selecionados quatro informantes do sexo feminino, falantes nativas do *Talian*. Com essa escolha eliminou-se a variável sexo⁸.

Outro critério para a escolha dessas informantes foi de pertencerem a gerações diferentes de descendência dos imigrantes. Duas são netas de italianos, portanto fazem parte da segunda geração nascida no Brasil, e as outras duas são bisnetas de italianos, portanto são da terceira geração nascida aqui no nosso Estado.

A primeira informante tem 50 anos de idade, e é neta de imigrantes italianos do vênето, sendo assim, é representante da 2ª geração nascida aqui no Brasil. Outra que faz parte deste grupo e que também é neta de italianos tem 48 anos de idade.

A terceira informante tem 43 anos de idade, e é bisneta de imigrantes italianos do vênето, sendo assim, é representante da 3ª geração nascida aqui no Brasil, bem como a quarta informante, que tem 20 anos de idade.

Cabe ressaltar que, para este trabalho, os informantes não foram divididos por faixa etária, mas, sim, em diferentes gerações de descendência, ou seja, 2ª e 3ª gerações de descendentes de imigrantes italianos.

⁸ As informantes da pesquisa foram todas mulheres porque, dentre os dados coletados, a produção linguística apresentada por representantes do sexo feminino foi maior; além disso, as mulheres aqui pesquisadas possibilitaram o preenchimento do critério de pertencerem as duas gerações descendentes de italianos, nascidas no Brasil.

2.1.2 Coleta dos dados

Os dados para esta pesquisa, que se constituem de diálogos em *Talian*, foram coletados pela professora Ana Bellini Peterlana, domiciliada em Nova Roma do Sul e natural da localidade. Essa professora ministra aulas de Português em escola municipal e de Italiano standard em sua própria escola.

A escolha de a coleta dos dados ser realizada por essa pessoa nativa da cidade de Nova Roma do Sul e pertencente à comunidade objeto deste estudo deveu-se ao fato de entendermos que assim conseguiríamos minimizar o monitoramento das falas por parte dos entrevistados, já que estes poderiam sentir-se mais à vontade com alguém conhecido. Na realização de um estudo-piloto, nessa mesma comunidade, pelo pesquisador responsável pela presente pesquisa, os entrevistados mostraram inibição; assim, em várias tentativas o pesquisador sentiu dificuldade em coletar dados de fala espontânea.

Para a realização das entrevistas cujos dados lingüísticos constituem o *corpus* do presente trabalho, a professora Ana foi orientada no sentido de obter os registros de maneira informal e com o mínimo de interferência de situações inibidoras, para que os dados fossem o mais próximo possível da fala natural dos falantes do *Talian* – com esse encaminhamento, a orientação seguida para a obtenção dos dados desta pesquisa seguiu os pressupostos da Sociolingüística Variacionista, seguindo-se a proposta de Labov (1994).

Todas as entrevistas foram realizadas na residência da Professora Ana, que também é falante nativa do *Talian*.

2.1.3 Transcrição dos dados

2.1.3.1 Transcrição ortográfica dos dados

As falas coletadas junto a integrantes da comunidade de Nova Roma do Sul foram ouvidas e transcritas pelo pesquisador, bem como por dois “juízes”, a fim de que fosse

garantida a fidedignidade dos dados transcritos. As duas pessoas convidadas pelo pesquisador para ouvirem as fitas gravadas e verificarem os dados transcritos eram netos de imigrantes italianos que nasceram na colônia de Santa Justina (Caxias do Sul), e viveram lá até mais ou menos os 12 anos de idade, tendo tido o *Talian* como língua materna, uma vez que até a idade pré-escolar, quando ainda habitavam na colônia, seus pais e avós lhes falavam em dialeto, ou seja, em *Talian*.

Assim, a participação, nessa etapa de investigação, dos referidos juízes foi de grande valia para a confiabilidade dos dados que vieram a constituir o *corpus* do presente estudo, especialmente porque, mesmo sendo o próprio pesquisador neto de imigrantes italianos, o “dialeto *Talian*” para ele caracteriza-se mais como um bilingüismo passivo, já que hoje em dia consegue compreender o dialeto, mas não o fala.

Os dados foram submetidos a dois tipos de transcrição: em uma 1ª etapa, foi feita a transcrição ortográfica, e, uma 2ª etapa, foi feita a transcrição fonética.

Para a verificação da transcrição ortográfica foram consultados dois dicionários: “Dicionário *Talian* Veneto Brasileiro Português” de Darcy L. Luzzatto, o “Dicionário Vêneto-Português-Italiano” de Alberto V. Stawinski, e a gramática “Adesso imparemo – Abecedário del *Talian*”, de Honório Tonial. Esse material foi usado porque até hoje não há um consenso quanto à ortografia do dialeto *Talian*, havendo muita discussão entre diferentes estudiosos; portanto a transcrição ortográfica das falas registradas para este trabalho foi baseada nesses autores.

2.1.3.2 Transcrição fonética dos dados

Depois de realizada a transcrição ortográfica de todos os dados gravados, em etapa subsequente, fez-se a transcrição fonética desses dados. Para a transcrição desses dados foram usados os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA). A transcrição fonética também passou por um revisor⁹

⁹ Mestranda Juliana Kickhöfel.

2.1.4 Encaminhamento da descrição e da análise dos dados

Feitas as transcrições dos dados que constituíram o *corpus* desta pesquisa, passamos a descrevê-los, comparando-os com os sistemas fonológicos de dialetos falados na Itália e o sistema fonológico do PB, até chegarmos à caracterização do sistema fonológico do *Talian*, especificamente em se tratando de consoantes.

Por fim, foi realizada uma análise do processo evolutivo de consoantes que integram a fonologia do *Talian*, a partir do sistema consonantal de dialetos vênéticos, tendo como suporte a Teoria da Otimidade. Também procedeu-se a um estudo da influência do PB no léxico do *Talian* de Nova Roma do Sul.

2.2 Sistemas consonantais considerados na presente pesquisa

2.2.1 Os sistemas consonantais de alguns dos dialetos falados na Itália

Os sistemas consonantais dos dialetos falados na Itália, mais especificamente da região chamada de Trivêneto, utilizados como fonte de comparação no presente estudo, foram enviados a este pesquisador pelo professor Luciano Canepari, o qual é professor de fonética e fonologia da Universidade Ca' Foscari de Veneza (Itália), além de pesquisador e autor de vários livros sobre os dialetos falados na Itália.

O material enviado são fotocópias dos livros “Guida dei dialetti veneti I (1979)”, e “Guida dei dialetti veneti II (1980)”, de sua autoria juntamente com outro professor também da Itália, Professor Manlio Cortelazzo. Outra fotocópia é de autoria de A. Zamboni, “I dialetti del veneto”, (1974).

Esses sistemas consonantais enviados são dos dialetos que ajudaram na formação étnica e lingüística da região de colonização italiana aqui no Rio Grande do Sul, principalmente de Nova Roma do Sul, os quais formaram primeiramente a coiné vêneta-

lombarda. Esses dialetos vênets são os formados por dois grandes grupos, o grupo Padovano-Vicentino-Polesano (vêneto central¹⁰ e o grupo Trevisano-Feltrino-Belunês.

Para este trabalho não foram usados os dialetos do grupo Lombardo, porque a soma dos números de famílias que contribuíram para a formação de Nova Roma do Sul em se comparando vênets e lombardos, foi muito reduzido. As famílias de origem vêneta perfazem um total de 48 (77,4 %), enquanto o total de famílias lombardas é de 14 (22,6 %), ver Quadro 01.

2.2.2 Os Sistemas Consonantais dos Dialetos Vênets Formadores do dialeto de Nova Roma do Sul

Como foi dito na seção 2.2.1, os sistemas consonantais aqui apresentados foram obtidos por meio do professor Luciano Canepari da Universidade Ca'foscari de Veneza. Esses dialetos foram escolhidos por serem os que mais contribuíram para a formação étnica e lingüística de Nova Roma do Sul (seção 1.1.3.1).

Primeiro trataremos do grupo dialetal Padovano-Vicentino-Polesano, por tratar-se do grupo que atualmente na Itália é considerado o dialeto Vêneto Standard moderno, mais precisamente o dialeto Padovano, o qual faz parte deste grupo¹¹.

¹⁰ Vêneto standard, segundo comunicação por e-mail do prof. Canepari.

¹¹ Comunicação via e-mail do prof. Canepari.

O sistema consonantal desse grupo é formado, segundo Zamboni (1974), pelos seguintes fonemas:

Quadro 04 - Sistema Consonantal Padovano-Vicentino-Polesano (PVP)

	bilabial	dental interdental	alveolar	palatal	velar
Plosiva	p b	t d			k g
Fricativa	ɸ β	θ	s z		
Nasal	m		n	ɲ	
Líquida lat.			l		
Líquida vib.			r		

Depois do grupo Padovano-Vicentino-Polesano, outro grupo de grande importância para a formação étnica e lingüística de Nova Roma do Sul foi o grupo Trevisano-Feltrino-Belunês, o qual é caracterizado pelos seguintes fonemas:

Quadro 05 - Sistema Consonantal do grupo Trevisano-Feltrino-Belunês (TFB)

	bilabial	labiodental	dental interdental	alveolar	palatal	velar
Plosiva	p b		t d			k g
Fricativa		f v	θ ð	s z		
Africada					tʃ dʒ	
Nasal	m			n	ɲ	
Líquida lat.				l		
Líquida vib.				r		

Depois de apresentados os sistemas consonantais dos dois maiores e mais importantes grupos de dialetos Vênetos, é pertinente verificarmos quais os fonemas que são comuns aos dois grupos de dialetos Vênetos¹².

Com base nos Quadros 04 e 05, podemos fazer um cruzamento dos fonemas e agrupar aqueles que fazem parte dos dois grupos. São eles:

As plosivas labiais: /p/ /b/

As plosivas dentais: /t/ /d/

¹² Comparando-se os Quadros 04 e 05, observamos uma distribuição complementar entre as fricativas bilabiais, presentes no sistema PVP, e as fricativas labiodentais, presentes no sistema TFB. Tal distribuição poderia levar-nos a pensar em caso de alofonia entre esses segmentos, sendo, nesse caso, apenas dois os fonemas fricativos labiais, comuns aos dois sistemas. No entanto, não é esse o caso, conforme o autor consultado: segundo Zamboni (1974), os sistemas PVP e TFB são diferentes quanto aos fonemas fricativos labiais.

As plosivas velares: /k/ /g/

A fricativa dental surda: /θ/

As fricativas alveolares: /s/ /z/

A nasal bilabial: /m/

A nasal alveolar: /n/

A nasal palatal: /ɲ/

A líquida lateral: /l/

A líquida vibrante: /r/

Podemos também, com base nos dois quadros acima citados, fazer o levantamento dos fonemas que não são compartilhados pelos dois grupos de dialetos, ou seja, os fonemas que os diferem um do outro.

Os fonemas não compartilhados pelos dois grupos de dialetos Vênetos, o Padovano-Vicentino-Polesano e o grupo Trevisano-Feltrino-Belunês, são os seguintes, de acordo com os Quadros 04 e 05 :

Fazem parte só do grupo Padovano-Vicentino-Polesano (PVP) :

As fricativas bilabiais: /ɸ/ e /β/

Fazem parte só do grupo Trevisano-Feltrino-Belunês (TFB):

As fricativas labiodentais: /f/ e /v/

A fricativa dental (interdental) sonora: /ð/

As africadas palatais: /tʃ/ e /dʒ/

Dessa maneira, com base em todos esses dados, podemos formular um novo quadro, Quadro 06, onde estão integrados todos os fonemas que participaram na formação da coine

Vêneta quando da interação dos dois grandes grupos de dialetos Vênetos falada pelos primeiros imigrantes que habitavam em Nova Roma do Sul.

Quadro 06 - Os sistemas consonantais dos dois grupos de dialetos (PVP), (TFB)

	bilabial	labiodental	dental interdental	alveolar	palatal	velar
Plosiva	p b		t d			k g
Fricativa	ϕ β	f v	θ ð	s z		
Africada					tʃ dʒ	
Nasal	m			n	ɲ	
Líquida lat.				l		
Líquida vib.				r		

- ⊙ fonemas só do TFB
- ⊙ fonemas só do PVP
- ⊙ fonemas comuns aos dois

Esse quadro é relevante, porque potencialmente qualquer dos 21 segmentos consonantais nele registrados pode integrar o sistema fonológico da coine Vêneta da comunidade de Nova Roma do Sul.

2.2.3 O sistema consonantal do Português Brasileiro

Após esse período de formação da coine Vêneta, que corresponde à primeira fase de inter-relação dos dialetos afins e majoritários italianos, apresentamos o sistema consonantal do Português Brasileiro, que foi introduzido na RCI mais ou menos no terceiro período, com a chegada do elemento Luso-Brasileiro àquela região (seção 1.2.1).

Quadro 07 - O sistema consonantal do Português Brasileiro (PB)

	bilabial	labiodental	dental interdental	alveolar	palatal	velar
Plosiva	p b		t d			k g
Fricativa		f v		s z	ʃ ʒ	
Nasal	m			n	ɲ	
Líquida lat.				l	ʎ	
Líquida vib.				r		R

De posse de todos esses sistemas consonantais, temos então representadas aqui todas as possibilidades de ocorrência de fonemas para a formação da coine Vêneta-Brasileira, o *Talian*.

Considerados todos esses fonemas integrantes dos dialetos que entraram em contato, não quer dizer que, na formação do *Talian* de Nova Roma do Sul, todos estejam representados e presentes na fala dos informantes. Durante a inter-relação entre os dialetos e, depois, no contato entre a coné Vêneto e o Português Brasileiro, ocorreram muitas negociações para que, finalmente, fosse constituído o sistema consonantal do *Talian*, o dialeto falado em Nova Roma do Sul.

No quadro a seguir, são mostradas todas as possibilidades de fonemas, ou seja, a soma dos fonemas dos dialetos Vênetos com os fonemas do PB (num total de 25).

Com esse encaminhamento, foi possível, após as análises das falas dos informantes da pesquisa, confrontar os fonemas que aqui estão representados no Quadro 08, com aqueles que realmente vieram a fazer parte do *Talian* falado em Nova Roma do Sul e ainda hoje constituem esse dialeto.

Não podemos deixar de ressaltar aqui que os fonemas representados no Quadro 08 se mostram somente como possibilidades e não com real representação do sistema consonantal do *Talian*.

Quadro 08 - Os fonemas dos dialetos PVP + TFB + PB

	bilabial	labiodental	dental interdental	alveolar	palatal	velar
Plosiva	p b		t d			k g
Fricativa	ϕ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	
Africada					tʃ dʒ	
Nasal	m			n	ɲ	
Líquida lat.				l	ʎ	
Líquida vib.				r		ʀ

⊙ fonemas só do PB

⊙ fonemas só do PVP

⊙ fonema só do TFB

⊙ fonemas comuns ao TFB e PB

⊙ fonema comum ao PVP e TFB

⊙ fonemas comuns aos dialetos PVP, TFB e PB

Esses foram, então, os fonemas dos sistemas consonantais que participaram na formação do *Talian*, o dialeto falado em Nova Roma do Sul.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE PRELIMINAR DOS DADOS DA PESQUISA

O presente capítulo apresenta a descrição e análise dos dados, a partir das transcrições das falas espontâneas das informantes desta pesquisa.

A fim de chegarmos a uma sistematização dos dados coletados e de procedermos a uma descrição acurada, o primeiro passo foi fazer um levantamento do sistema consonantal de cada uma das quatro informantes. De posse desses resultados, a segunda etapa foi confrontar os sistemas consonantais de cada informante e tentar delinear um único sistema para cada geração, uma vez que haviam sido constituídos dois grupos de informantes, a partir do critério relativo à geração a que pertencem: o grupo da 2ª geração (netas de imigrantes nascidas em Nova Roma do Sul) e o grupo da 3ª geração (bisnetas de imigrantes nascidas em Nova Roma do Sul).

No seguimento da descrição dos dados, a terceira etapa foi confrontar os sistemas da 2ª e da 3ª geração, para verificarmos a possibilidade de obtenção de um único sistema consonantal que caracterize o dialeto falado em Nova Roma do Sul.

Depois, em uma 4ª etapa, confrontamos o ‘provável’ sistema consonantal do dialeto de Nova Roma do Sul com os sistemas consonantais dos dialetos do grupo Vêneto e do sistema consonantal do PB, já que todos fizeram parte da formação lingüística de Nova Roma do Sul

Com esse encaminhamento, foi possível identificar não somente o inventário de fonemas que caracteriza o dialeto falado em Nova Roma do Sul, mas também verificar quais foram os fonemas advindos dos dialetos Vênetos e quais foram os fonemas originários do PB, que contribuíram para a formação do dialeto falado na comunidade em estudo.

3.1 O sistema consonantal das informantes da 2ª Geração de imigrantes italianos em Nova Roma do Sul

Na presente seção, são apresentados os dados constitutivos da fonologia das informantes da 2ª geração de descendentes de imigrantes italianos em Nova Roma do Sul, em se referindo os segmentos consonantais.

Quadro 09 - O sistema consonantal da primeira informante da 2ª geração, IIG2¹³ (neta de italianos)

	bilabial	labiodental	Dental interdental	alveolar	palatal	velar
plosivas	p b		t d			k g
fricativas		f v		s z		
africadas					tʃ dʒ	
nasal	m			n	ɲ	
líq. lateral				l		
líq, vibrante				r		

Comparando o sistema da primeira informante da 2ª geração – IIG2 – com o sistema consonantal dos dois grupos de dialeto Vêneto, PVP e TFB, mostrado no Quadro 06, percebemos a seguinte diferença: a não realização dos seguintes fonemas: das fricativas bilabiais /ɸ/, /β/, das fricativas dentais (interdentais) /θ/, /ð/.

¹³ IIG2 – Informante 1 da 2ª geração.

A não realização das fricativas bilabiais e das fricativas interdentalis talvez possa ser explicada por serem segmentos marcados em se comparando com as fricativas labiodentais, as fricativas alveolares e as africadas palatais. Esses fonemas considerados marcados foram sendo realizados, com a evolução lingüística, respectivamente, como /f/ e /v/ e como /s/ e /z/ ou também como /tʃ/ e /dʒ/, por exemplo [saβer] ~ [saver] para “saver”, [θena] ~ [sena] ~ [tʃena] para “cena” e [ðente] ~ [zente] ~ [dʒente] para “gente”. Posteriormente em alguns dialetos registrou-se o /ʃ/, devido, provavelmente, à influência de dialetos Lombardos limítrofes à região do Vêneto, não sendo registrado o uso do /ʒ/. Essa foi a “evolução”, segundo Zamboni (1974,p.12 - 52) também ocorrida em alguns dos dialetos modernos da própria região do Vêneto.

A seguir temos o sistema consonantal da outra informante da 2ª geração de descendentes de italianos – I2G2¹⁴.

Quadro 10 - Sistema consonantal da 2ª informante neta de imigrantes italianos, e, portanto, pertencente à 2ª geração

	bilabial	labiodental	Dental interdental	alveolar	palatal	velar
plosivas	p b		t d			k g
fricativas		f v		s z	ʃ	
africadas					tʃ dʒ	
nasal	m			n	ɲ	
líq. lateral				l		
líq. vibrante				r		

Comparando-se com o sistema consonantal do Quadro 06, o qual se refere aos sistemas consonantais dos grupos Vênetos PVP e TFB, observamos que também essa

¹⁴ I2G2 – Informante 2 da 2ª geração.

informante – como ocorreu com a primeira informante dessa mesma geração – não possui as fricativas bilabiais e dentais (interdentais) e as africadas alveolares dos dialetos Vênetos. Portanto, seu sistema, em comparando com esses dialetos, apresenta as seguintes diferenças:

- a) a não realização dos seguintes fonemas: das fricativas bilabiais /ϕ/, /β/ e das fricativas dentais (interdentais) /θ/, /ð/
- b) a realização da fricativa palatal /ʃ/.

A não realização das fricativas bilabiais e interdentais pode ser atribuída às razões já apresentadas quando foram descritos os dados de – I1,G2.

A realização do fonema /ʃ/ ocorreu por influência do PB como, por exemplo, no item lexical [rebaʃarse], “rebaixar-se”.

A diferença entre as duas informantes da 2ª geração dá-se pela presença do fonema /ʃ/ na segunda informante e não na primeira. O que há em comum entre as duas informantes da 2ª geração é não realização das fricativas bilabiais e dentais (interdentais), diferentemente do que registra o sistema dos dialetos Vênetos que entraram na formação de Nova Roma do Sul. É importante ressaltar que a não presença de um fonema palatal nos dados de uma informante e a sua presença nos dados da outra informante, no caso o /ʃ/, não implica, necessariamente, a sua ausência no sistema fonológico de I1G2 – pode ter ocorrido que os dados coletados não tivessem oportunizado o emprego desse fonema, já que o inventário fonológico dessas informantes, aqui proposto, se baseia somente na observação e análise de falas espontâneas.

Seria interessante fazer uma nova pesquisa de campo para recolher mais dados através de falas espontâneas mais longas ou através de questionários que induziriam as informantes a realizarem respostas direcionadas para obtenção de mais dados, capazes de confirmar a constituição do inventário fonológico da 2ª geração de imigrantes italianos que formaram a comunidade aqui objeto de estudo.

A seguir, são reunidos em um mesmo quadro todos os fonemas que compõem o sistema consonantal das duas informantes da 2ª geração, colocando-se em evidência o fonema pertencente à realização individual informante I2G2.

Quadro 11 – Sistema da Informante I1G2 e da informante I2G2 da 2ª geração

	bilabial	labiodental	Dental interdental	alveolar	palatal	velar
plosivas	p b		t d			k g
fricativas		f v		s z	ʃ	
africadas					tʃ dʒ	
nasal	m			n	ɲ	
líq. lateral				l		
líq. vibrante				r		

⊙ fonema /ʃ/ - exclusivo do sistema da 2ª informante - I2G2

⊙ fonemas comuns – integrantes dos sistemas da 1ª e 2ª informantes

3.2 O sistema consonantal das informantes da 3ª Geração de imigrantes italianos em Nova Roma do Sul

A seguir, passamos a confrontar os sistemas consonantais referentes às informantes da 3ª geração de descendentes de italianos nascidas em Nova Roma do Sul, ou seja, bisnetas de italianos.

Quadro 12 - O sistema consonantal da 1ª informante da 3ª geração, bisneta de italianos – IIG3¹⁵

	bilabial	labiodental	Dental interdental	alveolar	palatal	velar
plosivas	p b		t d			k g
fricativas		f v		s z	ʃ	
africadas					tʃ dʒ	
nasal	m			n	ɲ	
líq. lateral				l		
líq, vibrante				r		

Comparando o sistema da primeira informante da 3ª geração – IIG3 – com o sistema consonantal dos dois grupos de dialeto Vêneto, PVP e TFB, mostrado no Quadro 06, percebemos as seguintes diferenças:

- a) a não realização dos seguintes fonemas: das fricativas bilabiais /ɸ/, /β/ e das fricativas dentais (interdentais) /θ/, /ð/

¹⁵ IIG3 – Informante 1 da 3ª geração.

b) a realização da fricativa palatal /ʒ/.

A não realização das fricativas bilabiais e interdentalis pode ser atribuída às razões já apresentadas quando foram descritos os dados de I1G2, ou seja, a não realização das fricativas bilabiais e das fricativas interdentalis talvez possa ser explicada por serem segmentos marcados em se comparando com as fricativas labiodentais, as fricativas alveolares e as fricativas palatais. A realização do fonema /ʒ/, é decorrente da influência do PB, conforme se observou na palavra [baraʒe], “barragem”.

A seguir, temos o sistema consonantal da outra informante da 3ª geração de descendentes italianos – I2G3.

Quadro 13 - O sistema consonantal da 2ª informante da 3ª geração, bisneta de italianos – I2G3¹⁶

	bilabial	labiodental	Dental interdental	alveolar	palatal	velar
plosivas	p b		t d			k g
fricativas		f v		s z	ʃ ʒ	
africadas					tʃ dʒ	
nasal	m			n	ɲ	
líq. lateral				l		
líq, vibrante				r		

Comparando o sistema da segunda informante da 3ª geração – I2G3 – com o sistema consonantal dos dois grupos de dialeto Vêneto, PVP e TFB, mostrado no Quadro 06, percebemos as seguintes diferenças:

¹⁶ I2G3 – Informante 2 da 3ª geração.

- a) a não realização dos seguintes fonemas: das fricativas bilabiais /ɸ/, /β/ e das fricativas dentais (interdentais) /θ/, /ð/
- b) a realização das fricativas palatais /ʃ/ e /ʒ/.

A não realização das fricativas bilabiais e interdetais pode ser atribuída às razões já apresentadas quando foram descritos os dados de I1G2, e I2G2, ou seja, a não realização das fricativas bilabiais e das fricativas interdetais talvez possa ser explicada por serem segmentos marcados em se comparando com as fricativas labiodentais, as fricativas alveolares e as fricativas palatais. A realização das fricativas palatais /ʃ/ e /ʒ/ , é decorrente da influência do PB, como, por exemplo, nas palavras [kaʃiaz du sul] “Caxias do Sul”, [riw di ʒanero] “Rio de Janeiro”, que inclusive são nomes de cidades brasileiras e, portanto, pertencem ao léxico do PB.

A seguir são reunidos em um mesmo quadro todos os fonemas que compõem o sistema consonantal das duas informantes da 3ª geração.

Quadro 14 - O sistema da informante I1G3 e da informante I2G3 da 3ª geração

	bilabial	labiodental	Dental interdental	alveolar	palatal	velar
plosivas	p b		t d			k g
fricativas		f v		s z	ʃ ʒ	
africadas					tʃ dʒ	
nasal	m			n	ɲ	
líq. lateral				l		
líq. vibrante				r		

Nesse quadro, Quadro 14, formou-se o conjunto de todos os fonemas comuns às duas informantes da 3ª geração (I1G3 e I2G3). A não realização do fonema /ʃ/ pela I1G3, não implica, necessariamente, a sua ausência; pode ter ocorrido que os dados coletados não tenham oportunizado o emprego desse fonema, já que o inventário fonológico aqui proposto se baseia, como foi dito anteriormente para as I1G2 e I2G2, na observação e análise das falas espontâneas.

Obtivemos, assim, através de todos esses cruzamentos, os sistemas consonantais pertencentes às duas gerações aqui estudadas, o que nos permitiu chegar aos seguintes resultados:

- a) a não realização das fricativas bilabiais /ɸ/, /β/;
- b) a não realização das fricativas interdental /θ/ e /ð/ (os fonemas referidos em (a) e (b) são pertencentes aos sistemas fonológicos dos dialetos Vênetos);
- c) a realização das fricativas palatais /ʃ/ e /ʒ/ (pertencentes ao sistema fonológico do PB);

- d) maior uso do léxico do PB pelas informantes da 3ª geração e por consequência, a realização dos fonemas /ʃ/ e /ʒ/, pertencentes ao PB e não aos dialetos Vênetos aqui estudados, fato já referido em (c).

3.3 Comparação dos sistemas consonantais das informantes da pesquisa com os dos dialetos Vênetos e com o do PB

A seguir, é apresentado o cruzamento dos Quadros 11 e 14 (2ª e 3ª gerações) com o Quadro 08, que é o Quadro referente às todas possibilidades de realização fonológica, onde são descritos os fonemas dos dialetos Vênetos PVP e TFB mais os fonemas do PB, para, assim, vermos quais foram as contribuições de cada grupo de dialeto Vêneto e do PB na formação do sistema consonantal do dialeto de Nova Roma do Sul.

Quadro 15 – Conjunto das consoantes informantes da 2ª e 3ª gerações e dos sistemas PVP, TFB, PB (Quadro 08)

	bilabial	labiodental	dental interdental	alveolar	palatal	velar
Plosiva	p b		t d			k g
Fricativa	ϕ β	f v ⊙	θ ð	s z	ʃ ʒ	
Africada					tʃ dʒ	
Nasal	m			n	ɲ	
Líquida lat.				l	ʎ	
Líquida vib.				r		ʀ

- ⊙ fonemas só do PB
- ⊙ fonemas só do PVP
- ⊙ fonema só do TFB
- ⊙ fonemas comuns ao TFB e PB
- ⊙ fonema comum ao PVP e TFB
- ⊙ fonemas comuns aos dialetos PVP, TFB e às 2ª e 3ª gerações

Observando o Quadro 15, podemos ver que não entraram na formação do dialeto falado em Nova Roma do Sul os seguintes fonemas:

- a) dos dialetos Vênetos, as fricativas bilabiais /ϕ/, /β/, as fricativas dentais (interdentais) /θ/, /ð/, e
- b) os fonemas líquida lateral palatal /ʎ/ e líquida vibrante velar /ʀ/ do PB.

Com o passar do tempo e de gerações, podemos notar, através das falas espontâneas das informantes desta pesquisa, que os fonemas do PB fazem parte, sim, do *Talian*, o dialeto de Nova Roma do Sul. Muitas pessoas podem pensar que a presença desses fonemas, do PB, no *Talian* descaracterizam o dialeto falado na RCI, mas, ao contrário, são esses os fonemas do PB que caracterizam o Vêneto-Brasileiro, já que são eles o diferencial entre a coiné Veneta-Lombarda falada nos primeiros anos de colonização italiana no nosso Estado. A presença dos fonemas /ʎ/ e /ʒ/, pertencentes ao PB e estranhos aos dialetos dos grupos Vênetos PVP e TFB, caracteriza o *Talian*, o Vêneto-Brasileiro.

Foi através da interação, inicialmente dos dialetos Vênetos entre si, depois desses com os dialetos Lombardos (formando a coiné Veneta-Lombarda) e, posteriormente, a interação com o PB que propiciou o surgimento da coiné Vêneto-Brasileira, típica da nossa RCI e, conseqüentemente, de Nova Roma do Sul, que nos permite incluir os fonemas /ʎ/ e /ʒ/ oriundos do PB, no inventário do *Talian*.

3.4 O sistema consonantal do Talian de Nova Roma do Sul

Após todos os cruzamentos feitos aqui entre os vários dialetos Vênetos, o PB e os sistemas consonantais das falas espontâneas das informantes da pesquisa, podemos propor, para o *Talian*, o dialeto de Nova Roma do Sul, o seguinte sistema consonantal mostrado no Quadro 16.

Quadro 16 - O sistema consonantal do Talian falado em Nova Roma do Sul

	bilabial	labiodental	Dental interdental	alveolar	palatal	velar
plosivas	p b		t d			k g
fricativas		f v		s z	ʃ ʒ	
africadas					tʃ dʒ	
nasal	m			n	ɲ	
líq. lateral				l		
líq, vibrante				r		

Do sistema consonantal do *Talian*, o dialeto de Nova Roma do Sul, podemos apresentar os seguintes resultados:

- a) os fonemas /ʃ/ e /ʒ/ são influências do PB;
- b) os fonemas /tʃ/ e /dʒ/ são influências dos dialetos Vênetos, já que esses são alofones no PB. Salientamos que os fonemas /tʃ/ e /dʒ/ integravam o sistema do TFB (Quadro 05), falado pelo maior número de famílias que constituíram Nova Roma do Sul (Quadro 01).

A partir de todos esses cruzamentos foi possível estabelecerem-se dois aspectos relevantes:

- a) o sistema consonantal que caracteriza o *Talian* utilizado em Nova Roma do Sul,
- b) uma comparação entre o resultado da presente pesquisa com os sistemas consonantais de dialetos falados na Itália, mais precisamente os dialetos dos grupos Padovano-Vicentino-Polesano (PVP) e Trevisano-Feltrino- Belunes (TFB) (Zamboni,1974).

Após caracterizarmos o sistema consonantal do *Talian*, Quadro 16, passamos à análise do processo evolutivo de alguns fonemas, mais especificamente na evolução de alguns fonemas dos dialetos vênets PVP e TFB para o *Talian*. A análise centra-se nas consoantes fricativas. Com base na Teoria da Otimidade estabelecemos quais restrições foram usadas para realizar esse fenômeno de “substituição” de um fonema por outro. E, assim, representamos a evolução ocorrida desde a formação da Coiné Veneta-Lombarda até chegarmos aos fonemas do *Talian*, o Vêneto-Rio-Grandense falado ainda hoje em Nova Roma do Sul.

4 BASE TEÓRICA PARA A ANÁLISE FINAL DOS DADOS – A TEORIA DA OTIMIDADE

4.1 Caracterização do modelo teórico

A Teoria da Otimidade – OT (Optimality Theory) surgiu na década de 90 proposta por Prince & Smolensky (1993) e por McCarthy & Prince (1993), trazendo um novo modelo para análise, diferente da teoria gerativa clássica e dos modelos gerativos não-lineares derivacionais, vigentes até então.

A OT, segundo Archangeli (1997), é capaz de estabelecer as propriedades que fazem parte do conhecimento inato da linguagem, o grau de atuação de uma propriedade em uma determinada língua e as diferenças entre os padrões das diferentes línguas.

Na teoria gerativa clássica, o *output* é tido como o resultado da aplicação de várias regras ao *input*, ou seja, cada regra aplicada ao *input* gera um *output* e este, através de novas regras aplicadas sobre si, forma um novo *output*, e assim sucessivamente, até atingir a forma de superfície (*output* definitivo).

Já na OT não há estágios intermediários entre *input* e *output*, já que o processo se dá em paralelo e não em série. O *output* é visto como o resultado do ranqueamento de restrições de fidelidade e de marcação, e não do uso de regras aplicadas ao *input*. A partir de um *input*, podem-se analisar simultaneamente todos os candidatos a *output*, e assim escolher a forma ideal de *output* para aquele determinado *input*.

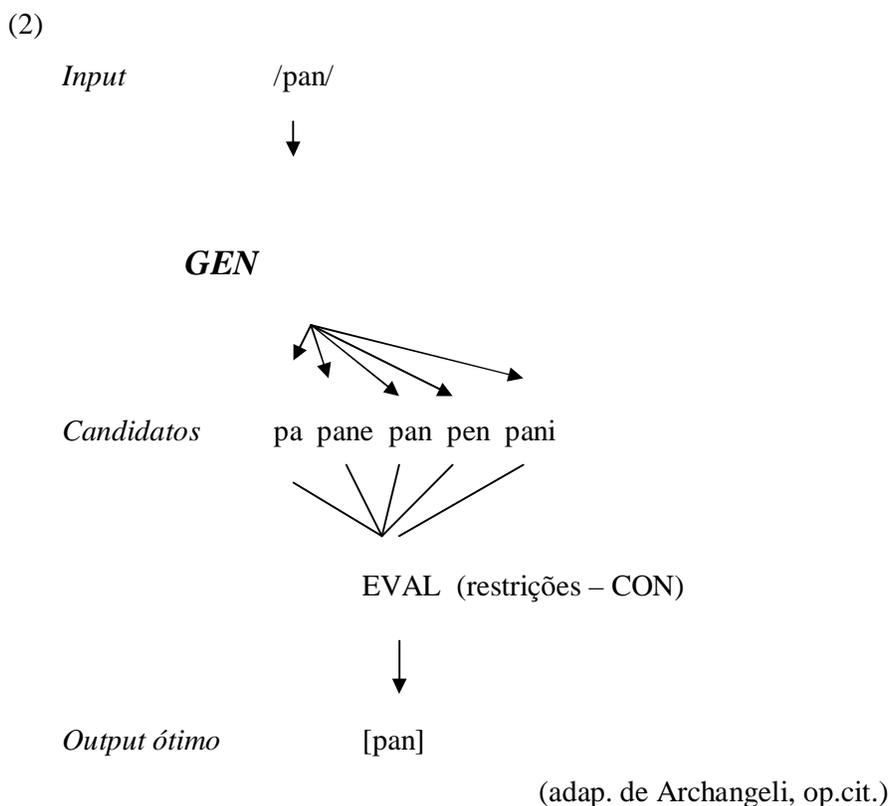
A OT, como outras teorias gerativas, não descarta a existência de uma gramática universal (GU), só que, nesse modelo, a GU é representada por três elementos que regem todas as línguas do mundo, que são: CON – *constraints*, GEN – *generator*, EVAL – *evaluator*.

O CON – (restrições) – é o conjunto de restrições compartilhado pelas gramáticas de todas as línguas do mundo. Essas restrições podem ser violadas. As restrições responsáveis pela boa-formação podem ser de dois tipos: de marcação e de fidelidade. Cada língua caracteriza-se por ter um ranqueamento de restrições que lhe é particular.

O GEN – (gerador) – produz uma quantidade de possíveis *outputs*, a partir de um determinado *input*.

O EVAL – (avaliador) – avalia, através da hierarquia de restrições, todos os candidatos gerados por GEN, escolhendo o candidato ótimo para ser o *output*.

Archangeli (1997) apresenta o seguinte esquema para a seleção de um candidato ótimo. Seguindo tal esquema, teríamos que, por exemplo, para o *input* em *Talian* /pan/, GEN produziu vários candidatos que são avaliados por EVAL através da hierarquia de restrições que aparecem em CON, selecionando, assim, o candidato ótimo [pan]. Uma formalização desse fenômeno aparece em (2).



A formalização em (2), portanto, expressa, em linhas gerais, o funcionamento da teoria na escolha de *outputs* ótimos nos sistemas lingüísticos.

Bonilha (2003a) cita as quatro propriedades básicas que constituem a OT, estabelecidas por McCarthy & Prince (1993):

- (i) **violabilidade:** as restrições são violáveis; mas a violação é mínima.
- (ii) **Ranqueamento (hierarquia):** as restrições são ranqueadas com base nas línguas particulares; a noção de violação mínima é definida em termos deste ranqueamento.
- (iii) **Inclusividade:** os possíveis candidatos, os quais são avaliados pela hierarquia de restrições, são admitidos por considerações muito gerais sobre boa-formação estrutural; não há regras específicas ou estratégias de reparo com descrições estruturais específicas ou com mudanças estruturais conectadas a restrições específicas.
- (iv) **Paralelismo:** a melhor satisfação à hierarquia de restrições é feita considerando-se toda a hierarquia e todo o quadro de candidatos.

Essas são as propriedades principais que diferenciam a OT de outros modelos teóricos gerativistas.

4.2 O tableau

Para a formalização da análise dos candidatos a *output* gerados por GEN, a OT utiliza-se de um *tableau*, no qual se podem visualizar as restrições e o ranqueamento utilizados por EVAL para selecionar o candidato ótimo.

O *tableau* é caracterizado conforme segue:

- (i) o *input* é colocado na parte superior, no canto esquerdo;
- (ii) as restrições ficam dispostas ao lado do *input* com a relação de dominância da esquerda para a direita;
- (iii) os candidatos a *output* são colocados na vertical, abaixo do *input*;

- (iv) cada violação é marcada com um asterisco (*);
- (v) uma violação fatal – que elimina o candidato – é marcada por um ponto de exclamação (!);
- (vi) o candidato escolhido como ótimo é marcado por (\leftarrow);
- (vii) as linhas contínuas entre as restrições indicam relação de dominância;
- (viii) as linhas pontilhadas entre as restrições indicam a ausência de relação de dominância.

Veja-se o exemplo em (3).

(3) Tableau

Input	R1	R2	R3	R4	R5
Cand. A	*!				
\leftarrow Cand. B				*	*
Cand. C		*!			
Cand. D			*!		

No *tableau* acima, o candidato A violou a restrição R1, que ocupa a posição mais alta na hierarquia, sendo, por isso, eliminado. O mesmo acontece com os candidatos C e D, que violaram respectivamente as restrições R2 e R3. O candidato escolhido como ótimo é o B, porque viola as restrições que estão mais abaixo da hierarquia. Nota-se que, mesmo violando duas restrições, o candidato B é o escolhido como ótimo, já que as restrições violadas estão em posição inferior às outras. Devemos também observar a linha pontilhada que separa R4 e R5. Essa linha indica que não há relação de dominância entre as restrições, o que no caso não interfere na escolha do candidato ótimo.

A hierarquia de restrições apresentada no *tableau* possui um ranqueamento em que R1 domina R2, que domina R3, que domina R4 e R5. A relação de dominância é representada por (>>), como: R1>>R2>>R3>>R4,R5.

De acordo com McCarthy (2002, p.13), as restrições na OT podem ser de dois tipos básicos:

- (i) **Restrições de marcação (markedness):** requerem que as formas de *output* satisfaçam algum critério de boa-formação estrutural; são os fatores gramaticais que pressionam em direção a estruturas do tipo não-marcado. As restrições de marcação se referem às formas do *output*, não levando em consideração o *input*.
- (ii) **Restrições de fidelidade (faithfulness):** requerem que os *outputs* preservem as propriedades de suas formas lexicais básicas, exigindo algum tipo de similaridade entre o *output* e o seu *input*. As restrições de fidelidade levam em conta elementos do *input* e do *output*.

Através dessas restrições e da relação de dominância entre elas, da sua organização em uma hierarquia, é que EVAL escolhe o candidato ótimo a *output*, gerado pelo GEN, com base na violação dessas restrições hierarquizadas.

De acordo com Collischonn (2002), a OT apresenta algumas vantagens em relação a outros modelos teóricos. Em primeiro lugar, a OT é mais econômica, pois trabalha só com restrições, enquanto outros modelos trabalham com regras e restrições. Em segundo lugar, regras são específicas de cada língua, enquanto restrições são universais. Em terceiro lugar, em análises baseadas em regras e restrições, ocorre muitas vezes que as restrições são violadas pela aplicação de regras, o que desafia o caráter *inviolável* que é atribuído às restrições; na OT a possibilidade de violação das restrições é um pressuposto.

4.3 O algoritmo de aprendizagem

Para a OT, adquirir uma língua significa ranquear as restrições que fazem parte da GU de acordo com a hierarquia de cada língua (Bonilha, 2003a).

Dado um determinado *output*, a criança começa a testar e analisar as informações obtidas através de várias tentativas de hierarquização de restrições, até encontrar o ordenamento correto para a produção do *output* desejado, ou seja, o alvo na comunidade em que está inserida.

O algoritmo de aprendizagem faz o papel de “cicerone”, guiando o aprendiz a encontrar a hierarquia de restrições específica de sua língua. Nesse caso, o algoritmo é a engrenagem principal que aciona as funções da GU – GEN e EVAL –, levando à produção e à avaliação do *output* ótimo a partir de um dado *input*, através da hierarquia de restrições de determinada língua.

Bonilha (2003a) explica que o algoritmo (segundo Tesar & Smolensky, 2000) necessita dos seguintes elementos para realizar a sua tarefa:

- a) Descrição estrutural completa da forma de *output*; formada com base na estrutura evidente + *input*.
- b) Estrutura evidente: o que o aprendiz ouviu; é a parte da descrição acessada pelo aprendiz (*input*).
- c) O ranqueamento de restrições.
- d) O léxico estabelecido pela estratégia da otimização lexical.

Com base nesses elementos, o algoritmo desempenhará quatro funções:

- a) Processamento direcionado à produção: parte do *input* para estabelecer a descrição estrutural completa do *output*, através do ranqueamento da restrições;
- b) Processamento interpretativo robusto: parte da estrutura evidente para estabelecer a descrição estrutural completa do *output*;

- c) Aprendizagem da gramática;
- d) Aprendizagem do léxico.

Pelo algoritmo proposto por Tesar & Smolensky (2000), a construção de hierarquias pela criança, no processo de aquisição da língua-alvo, ocorre por meio da “demonção” de restrições a partir da H0 (Hierarquia Zero), a qual é a hierarquia que constitui o ponto de partida para a aquisição da LM pela criança.

4.4 Hierarquia de restrições

A proposta defendida por Bonilha (2000), seguindo Tesar & Smolensky (2000), é que a hierarquia inicial (H0) é formada por dois grandes grupos de restrições ranqueadas da seguinte maneira: $H0 = \{\text{marcação}\} \gg \{\text{fidelidade}\}$. Se não houvesse essa dominância de restrição, seria difícil explicar a aquisição de uma língua que apresente apenas a estrutura silábica CV, uma vez que os *outputs* que apresentam uma estrutura silábica do tipo CV não violam nenhuma restrição estrutural na hierarquia, sendo, assim, todos ótimos.

Mesmo existindo uma língua que apenas apresente estruturas silábicas do tipo CV, a hierarquia – $\text{marcação} \gg \text{fidelidade}$ – é necessária para que o falante continue produzindo sílabas CV ao se deparar com sílabas CVC.

Empregando a hierarquia inicial, representada por $H0 = \{\text{marcação}\} \gg \{\text{fidelidade}\}$, pode-se sugerir, sob a perspectiva da OT, que a GU é composta por $H0 + \text{GEN} + \text{EVAL}$.

Com a aplicação do algoritmo e a demonstração de restrições, inicia-se a construção de hierarquias estratificadas, e o aprendiz, através de várias etapas, atingirá a forma específica da língua-alvo.

Cada estrato da hierarquia é formado por uma restrição ou por um conjunto de restrições que compartilham o mesmo estrato, não havendo, nesse estrato, dominação entre essas restrições.

A hierarquia é vista como estratificada porque cada demção poderá criar um novo estrato (quadro de restrições), representado por { }.

Veja-se o exemplo em (4):

(4)

Demova R3 abaixo de R5

$$H_0 = \{R_1, R_2, R_3\} \gg \{R_4, R_5, \dots R_n\}$$

$$H_1 = \{R_1, R_2\} \gg \{R_4, R_5, \dots R_n\} \gg \{R_3\}$$

Quando se diz demova Rx abaixo de Ry, deve-se entender que Ry deverá dominar Rx. A única forma de haver essa relação de dominância, seguindo o exemplo mostrado em (4), é criando um novo estrato na hierarquia, já que restrições que ocupam o mesmo estrato não podem apresentar relação de dominância entre si.

Cada hierarquia nova construída pode representar um novo estágio na etapa de aquisição da língua. Assim, o aprendiz vai testando todas as possibilidades até alcançar o *output* ótimo da língua-alvo. E a hierarquia formada, ao final, será a da gramática-alvo.

4.5 O processo de demção de restrições

O processo de demção, segundo Tesar & Smolensky (2000), é feito através da análise de pares de candidatos subótimos e ótimo criados por GEN. O primeiro passo é analisar separadamente cada candidato com suas respectivas violações de restrições; depois eliminam-se as restrições compartilhadas pelos pares formados para a análise.

Um exemplo dessa análise é o quadro em Bonilha (2003a, p.31), adaptado de Kager (1999):

Quadro 17 - Elenco de restrições violadas

Subótimo < Ótimo	Restrições violadas subótimo	Restrições violadas ótimo
B < A	*R1, *R2, *R4, *R4, *R5	*R1, *R3, *R4, *R4, *R5
C < A	**R1, *R2, *R4, *R4, *R4	*R!, *R3, *R4, *R4, *R5

No Quadro 17 acima, estão relacionados os candidatos subótimos (B e C) em relação ao candidato ótimo (A) com suas respectivas restrições violadas. Sendo A o candidato ótimo, ele aparece em todos os pares, já que serve como padrão e referência para a análise dos outros candidatos.

A seguir, faz-se a eliminação das restrições comuns aos candidatos subótimos e ótimo. Esse processo é chamado de “cancelamento de marcas”.

Observe-se o Quadro 18, a seguir:

Quadro 18 - Eliminação das restrições compartilhadas

Subótimo < Ótimo	Restrições violadas subótimo	Restrições violadas ótimo
B < A	*R1 , *R2, *R4 , *R4 , *R5	*R1 , *R3, *R4 , *R4, *R5
C < A	*R1 , *R2, *R4 , *R4 , *R4	*R1 , *R3, *R4 , *R4 , *R5

Desse cancelamento é alcançado o resultado que aparece no seguinte quadro – Quadro 19.

Quadro 19 - Pares candidatos prontos para ativar demoções

Subótimo < Ótimo	Restrições violadas subótimo	Restrições violadas ótimo
B < A	*R2	*R3
C < A	*R2, *R4	*R3, *R5

Esse processo de cancelamento de marcas segue os seguintes passos, segundo Kager (1999 p. 306-309):

- a) Para cada violação ocorrida em determinada restrição, em ambos elementos do par, remova a restrição violada por ambos.
- b) Se, como resultado, não sobrar nenhuma restrição violada pelo candidato ótimo, remova os pares analisados.
- c) Se, depois desses passos, um membro do par contiver múltiplas violações para uma determinada restrição, remova-as, deixando no máximo uma.

O resultado obtido no Quadro 19 é o que alimentará o algoritmo para a dedução da hierarquia de restrições da gramática alvo através de sucessivos rerranqueamentos. Não

importa o número de restrições violadas pelos candidatos subótimo e ótimo, mas, sim, qual dos pares formados viola de forma pior determinada restrição.

É importante salientar que a demoção será sempre mínima: cada restrição deverá ser demovida imediatamente abaixo daquela violada pelo candidato subótimo, já que essa ocupa o estrato mais elevado da hierarquia-alvo.

Tendo uma hierarquia onde $H1 = \{R1, R3, R5\} \gg \{R2\} \gg \{R4\}$, e considerando o par $C < A$ do Quadro 19, onde o candidato ótimo viola R3 e R5 e o candidato subótimo viola R2 e R4, faz-se necessário que restrições violadas pelo candidato ótimo sejam dominadas por pelo menos uma das restrições violadas pelo subótimo, normalmente a ranqueada mais acima. Daí resulta a seguinte hierarquia $H2 = \{R1\} \gg \{R2\} \gg \{R4, R3, R5\}$. Com o novo estrato formado, R3 e R5 passam a compartilhar o mesmo estrato que R4, o que não interfere na escolha do candidato ótimo, já que nesse estrato formado não há relação de domínio entre as restrições que o compõem.

Deve-se também levar em conta que a demoção de restrições é *recursiva*, isto é, as demoções acontecem até chegar ao ponto em que não haverá motivo para novos rerranqueamentos.

O rerranqueamento recursivo leva em consideração somente as violações de restrições, já que as restrições não violadas pelo *output* são menos informativas.

Assim chega-se ao término do processo de aprendizado, quando a hierarquia de restrições estabelecida pelo algoritmo é a mesma da língua-alvo.

A duração desse processo pode ser mais ou menos longa, dependendo da ordem dos pares subótimo < ótimo considerada. Isso explica as diferenças demonstradas pelo aprendiz na aquisição de uma língua, já que temos diferentes estágios para cada aprendiz. A ordem dos pares subótimo < ótimo não muda o resultado da aquisição, mas apenas o número de estágios intermediários por que cada aprendiz irá passar até atingir a hierarquia buscada, mostrando os diferentes caminhos tomados para a aquisição da língua-alvo.

5 ANÁLISE FINAL DOS DADOS – O PROCESSO EVOLUTIVO DE CONSOANTES DO SISTEMA DO TALIAN DE NOVA ROMA DO SUL E DADOS LEXICAIS

5.1 O processo de formação de consoantes do sistema do Talian, à luz da Teoria da Otimidade

O presente capítulo apresenta, com base nos pressupostos da OT, o processo evolutivo de algumas consoantes que integravam o sistema fonológico dos dialetos Vênetos até a constituição da fonologia do *Talian* falado em Nova Roma do Sul.

É indispensável referir que, no Capítulo 2 deste trabalho, foram apresentados todos os sistemas consonantais que caracterizam os dialetos Vênetos que deram origem ao *Talian* de Nova Roma do Sul, bem como o sistema consonantal do PB, com o qual o *Talian* manteve e mantém contato. Nesse mesmo capítulo, foram também apontadas as diferenças entre os inventários de consoantes que integravam os referidos sistemas, procurando dar suporte à composição do sistema consoantal do *Talian* aqui estudado.

Também precisa ser retomado o fato de que, no Capítulo 3 do presente trabalho, foi apresentada a proposta de constituição do atual sistema consonantal do *Talian* falado em Nova Roma do Sul, a partir da produção lingüística das informantes desta pesquisa. Também foram levados em consideração, nessa proposta, os dados relativos aos sistemas consonantais apresentados no Capítulo 2.

Assim, para representarmos, com o suporte da OT, o processo evolutivo que culminou na presença de determinadas consoantes que integram o sistema do *Talian* de Nova Roma do Sul, as informações apresentadas nos Capítulos 2 e 3 do presente trabalho precisam ser retomadas. É imprescindível referir que o sistema consonantal que entendemos ser caracterizador do *Talian* de Nova Roma do Sul é aquele apresentado no Quadro 16.

Para a análise apresentada no presente trabalho, são relevantes as restrições listadas em (5) e (6):

(5) Restrições de marcação: (referem-se à proibição de estruturas marcadas no *output*.)

*[+contínuo, -anterior] = é proibida a coocorrência dos traços [+contínuo, -anterior] para as consoantes.

*[+contínuo, -estridente] = é proibida a coocorrência dos traços [+contínuo, -estridente] para as consoantes.

(6) Restrições de fidelidade: (referem-se ao fato de que estruturas do *input* devem ter correspondência no *output*.)

Ident [contínuo] = o valor do traço contínuo do *input* deve ser preservado no *output*.

Ident [estridente] = o valor do traço estridente do *input* deve ser preservado no *output*.

Em virtude de o foco da análise aqui apresentada estar em “segmentos”, as restrições pertinentes têm de ser relativas à estrutura interna dessa unidade fonológica. O conflito de restrições, na presente análise, ocorre entre restrições referentes a traços distintivos, constitutivos de segmentos consonantais presentes nos dialetos que entraram na composição do *Talian*, com foco especial nas consoantes fricativas.

Neste capítulo, mostramos através de alguns exemplos dos dialetos Vênetos falados nos meados do Sec. XIX época da imigração italiana, a evolução para o *Talian* falado ainda hoje na RCI, através da violação de restrições, mecanismo utilizado pela OT, teoria que embasa esta pesquisa.

Os exemplos analisados serão os seguintes, representados em (7) na sua forma fonológica:

- (7)
- Vêneto > Talian**
- /θento/ > /sento/
 /saβer/ > /saver/
 /ðente/ > /zente/

Em um primeiro estágio, caracterizamos os *inputs* e os *outputs* dos dialetos vênetos da época da imigração, ou seja, meados do Sec. XIX. Nesse período temos como exemplo de *input* /θento/ e como *output* [θento]; *input* /saβer/ e *output* [saβer]; *input* /ðente/ e *output* [ðente]¹⁷ – ver Quadro 15.

Para a análise desses dados partimos de uma hierarquia denominada de Hn1, por não se tratar de aquisição de uma LM, onde como hierarquia inicial temos H0. Essa hierarquia Hn1 corresponde a alguma etapa do processo evolutivo do Vêneto.

1º estágio - dialeto Vêneto - *inputs*: /θento/ - /saβer/ - /ðente/

Hn1 = *[+cont., - ant.] >> Ident [cont.] >> Ident[estr.] >> *[+cont., - estr.]

Com essa hierarquia, temos os *outputs* do dialeto Vêneto, cujas escolhas estão representadas no seguinte *tableau* em (8):

¹⁷ Exemplos em Lepschy (1981); Zamboni (1974); Devoto e Giacomelli (19991)

(8) Tableau 01 – *Outputs* do dialeto Vêneto, com a presença de consoantes fricativas [-estr]

/θento/	*[+cont, - ant]	Ident [cont]	Ident [estr]	*[+cont, - estr]
☞ θento				*
sento			*!	
ʃento	*!		*	
tento		*!		
tʃento		*!	*	
/saβer/				
☞ saβer				*
saver			*!	
saber		*!		
saper		*!		
/ðente/				
☞ ðente				*
dʒente		*!	*	
ʒente	*!		*	
zente			*!	
dzente		*!	*	

Após esse período ocorre a evolução dos dialetos Vênetos, no sentido de as consoantes que apresentavam a coocorrência de traços [+cont, - estr] foram substituídas por consoantes cuja coocorrência de traços é [+cont, +estr]. Tal processo evolutivo pode ser explicado pelo mecanismo de demissão da restrição Ident[estr.]. Assim, hierarquia Hn1 passa para uma outra hierarquia, Hn2, em que para o mesmo *input* dado teremos como *output* ótimo outra forma, diferente daquela do período anterior. Com a demissão da restrição de fidelidade Ident[estr] para o estrato logo abaixo, ou seja, logo após o estrato ocupado pela restrição *[+cont, - estr], podemos exemplificar a evolução do Vêneto para o *Talian*.

É importante salientar que essa evolução dos dialetos Vênetos deu-se também na Itália e não só no Brasil. Ainda hoje na Itália podemos encontrar em alguns dialetos, ditos dialetos rústicos, a fala do período da imigração italiana, mas lá como aqui esse tipo de falar é muito marcado, impingindo às pessoas que ainda o usam preconceitos no sentido em que são considerados “colonos”, pessoas de baixa cultura.

Como foi dito anteriormente, após essa demissão, passamos a ter uma outra hierarquia, Hn2 que será representada da seguinte maneira:

$$\text{Hn2} = *[\text{+cont, - ant.}] \gg \text{Ident} [\text{cont}] \gg *[\text{+cont, - estr.}] \gg \text{Ident} [\text{estr}]$$

Com base nessa hierarquia, temos a representação do fenômeno no seguinte *tableau* em (9), o qual evidencia a escolha de *outputs* diferentes daqueles selecionados no *Tableau* 01, que correspondem à primeira etapa do processo evolutivo dos dialetos Vênetos, segundo a discussão proposta no presente trabalho.

(9) Tableau 02 – *Outputs* do *Talian*, sem a presença de conoantes fricativas [-estr], mas com esses segmentos no *input*

/θento/	*[+cont, - ant]	Ident [cont]	*[+cont, - estr]	Ident[estr.]
θento			*!	
☞ sento				*
ʃento	*!			*
tento		*!		
tʃento		*!		*
/saβer/				
saβer			*!	
☞ saver				*
saber		*!		
saper		*!		
/ðente/				
ðente			*!	
dʒente		*!		*
ʒente	*!			*
☞ zente				*
dzente		*!		*

Como aqui a restrição de marcação está em posição mais alta na hierarquia do aquela que aparece no Tableau 01, o *output* ótimo passa a ser menos marcado. E isso é mostrado na própria formalização da teoria.

Após esse segundo estágio, temos um terceiro estágio em que deve ter havido alteração do *input*, uma vez que, segundo McCarthy (2002, p.77-78) e Prince & Smolensky (1993), a escolha do *input*, ou seja, da representação subjacente, durante o processo de aquisição da linguagem, ocorre por um procedimento chamado “Otimização Lexical”, segundo o qual é escolhida a representação subjacente que mostra o mapeamento mais harmônico com o *output* ótimo.

A partir desse entendimento, passa a ser um encaminhamento lógico o fato de que, por uma mudança lingüística, diante da escolha de um novo *output* ótimo decorrente de alteração na hierarquia de restrições (a alteração que houve no caso aqui estudado foi Hn1 → Hn2), os falantes alterem a representação subjacente, seguindo o procedimento de “Otimização Lexical”, operante desde o início do processo de aquisição da linguagem. Portanto, no terceiro estágio, entendemos que o *input* já é diferente do *input* do segundo estágio, confirmando, assim, a evolução dos dialetos vênets na Itália e aqui no Brasil. Essa evolução deu-se após o surgimento de um novo *output*, que não era anteriormente considerado pelo algoritmo, conforme foi acima explicado. No Brasil essa evolução pode ser confirmada pelo falar dos descendentes de italianos, ou seja, através das falas do *Talian*. Como foi dito anteriormente, não se sabe precisar quando ocorreu essa evolução do marcado ao não-marcado, mas sabe-se que é uma evolução natural que aconteceu em todas as línguas.

Assim chegamos ao terceiro estágio, onde os falantes permanecem até hoje. Esse estágio caracteriza-se por ter a mesma hierarquia do estágio anterior, mas para *inputs* diferentes aos apresentados nos *Tableaux* 01 e 02.

No *Tableau* 03, serão apresentados os *inputs* que atualmente parecem existir para o *Talian*, mostrando que a hierarquia decorrente da Hn1, após a demissão da restrição de fidelidade, ou seja, a Hn2, permanece até hoje na representação de falantes do *Talian* no Rio Grande do Sul.

Para esse estágio, então, permanece a seguinte hierarquia de restrições¹⁸

Hn2 = *[+cont, - ant.] >> Ident [cont] >> *[+cont, -estr] >> Ident [estr]

A permanência da mesma hierarquia pode ser um indício de que essa é a hierarquia mais adequada para atingir a língua-alvo. Temos, assim, representado no *Tableau* 03 em (10),

¹⁸ Chamamos atenção para o fato de que essa hierarquia responde pela mudança tanto das fricativas coronais /θ/ e /ð/ para /s/ e /z/, respectivamente, como pela mudança das fricativas labiais /ϕ/ e /β/ para /f/ e /v/, respectivamente.

a hierarquia do *Talian* para os exemplos aqui apresentados, com o *input* alterado em decorrência do procedimento de “Otimização Lexical”.

(10) Tableau 03 – *Output* do *Talian*, para a presença de consoantes fricativas [+estr], com esses segmentos no *input*

/ sento/	*[+cont, - ant.]	Ident [cont]	*[+cont, - estr]	Ident [estr]
☞ sento				
ʃento	*!			
tento		*!		*
θento			*!	*
tʃento		*!		
/saver/				
☞ saver				
saβer			*!	*
saber		*!		*
saper		*!		*
/zente/				
☞ zente				
dʒente		*!		
ʒente	*!			
ðente			*!	*
dzente		*!		

Através dos exemplos citados acima, e verificando os *tableaux*, podemos perceber, através da aplicação do algoritmo, mecanismo utilizado pela OT, a evolução dos dialetos vênéticos falados nos meados do Séc. XIX. Podemos ver que a violação e a demissão de restrições na presente hierarquia deram conta do fenômeno, observado com relação às fricativas [-estr] existentes no dialeto Vênético e não existentes no *Talian*.

Devemos observar, no entanto, que essa hierarquia Hn2 não explicaria por que as informantes da 3ª geração dizem [ʃ] e [ʒ]. Para elas terem esses segmentos como fonemas, deve estar atuando, em posição mais alta na hierarquia, uma restrição do tipo Ident[ponto]¹⁹, a qual milita a favor da total identidade de ponto entre os segmentos do *input* e do *output*. Essa hierarquia é apresentada como Hn3.

Hn3= Ident[ponto] >> *[+cont, -ant] >> Ident[cont] >> *[+cont, -estr] >> Ident[estr]

O seguinte *tableau* em (11) demonstra tal fato.

(11) Tableau 04 – *Output* com a presença de fricativa coronal com o traço [-ant]

/ʒanero/	Ident[ponto]	*[+cont,-ant]	Ident[cont]	*[+cont,-estr]	Ident[estr]
ʒanero		*			
zanero	*!				
dzanero	*!				
dʒanero		*	*!		
ðanero	*!			*	*
danero	*!		*		*

A hierarquia no Tableau 04 é, portanto, capaz de responder por que há presença das fricativas /ʃ/ e /ʒ/ no sistema do *Talian*. A mudança lingüística que resultou no *Talian*, formalizada, segundo a OT, por meio dos Tableaux de 01 a 04, evidencia a presença de quatro estágios:

¹⁹ Matzenauer, C. Oposições na aquisição e nas tipologias de línguas – A classe das fricativas. In: Matzenauer, C.; Bonilha G. *Aquisição da fonologia e Teoria da Otimidade*.

1º Estágio Inicial: corresponde ao dialeto Vêneto, com a presença de fricativas [-est] (Tableau 01);

2º Estágio: corresponde à presença, nos *outputs*, de fricativas [+est], com a mudança, no *input*, de fricativa [-est] (Tableau 02);

3º Estágio: corresponde à mudança do *input*, ou seja, da presença de fricativa [+est] também no *input* (Tableau 03);

4º Estágio: corresponde à introdução, no sistema do *Talian*, das fricativas coronais [-ant], com a presença desses segmentos já no *output* (Tableau 04).

Ao final desses estágios, temos a mudança lingüística que resultou, então no *Talian*, que corresponde a um novo sistema.

Com a análise da mudança fonológica apresentada no presente trabalho, pudemos verificar a pertinência do suporte teórico aqui utilizado. A mudança lingüística estudada nesta pesquisa efetivou-se na direção do marcado para o não-marcado, conforme já foi referido e a OT tem a idéia de marcação inserida na essência do modelo, uma vez que, dentre as restrições, uma grande família é a das “Restrições de Marcação”, as quais militam a favor de *outputs* não-marcados.

Dependendo da posição da(s) restrição (ões) de marcação na gramática da língua, é possível concluir o grau de marcação dos fenômenos dessa língua, com base na formalização própria da Teoria, ou seja, a hierarquia de restrições mostra tal fato.

A literatura da área de variação e de mudança lingüística aponta tendência universal a que as línguas mudem em direção a estruturas não marcadas.

Este trabalho mostra claramente esse fato com relação ao *Talian*: a mudança que houve do Vêneto para o *Talian* foi no sentido de chegar a unidades lingüísticas não marcadas (exemplos: /θ/ → /s/ ; /β/ → /v/). Esse fato é mostrado claramente pela OT, quando, comparando-se os Tableaux 01 e 02, vemos que houve a demissão de uma restrição de fidelidade – da restrição Ident[est]. Em havendo a demissão de uma restrição de fidelidade, a restrição de marcação que ocupava posição mais baixa na hierarquia – *[+cont, -est] – , passou, por conseqüência, a ficar em estrato mais alto, militando contra *output* marcado.

Assim, por sua essência, que são as restrições, e por sua formalização, a OT pôde evidenciar o processo de mudança do marcado para o não-marcado, focalizado no presente estudo.

Após as análises feitas com segmentos consonantais, passamos para a seção onde tratamos de algumas influências lexicais do PB no *Talian*, com base nas falas espontâneas das quatro informantes desta pesquisa.

5.2 Influências Lexicais do PB no Talian de Nova Roma do Sul

Para esta seção, trazemos inicialmente as falas das netas de italianos pertencentes à 2ª geração de descendentes nascidas em Nova Roma do Sul.

Fazendo uma análise das falas espontâneas das informantes, podemos garimpar algumas palavras, expressões que indicam a influência do PB no léxico do *Talian*. Portanto, a influência do PB no *Talian* ultrapassa a fonologia e contamina também o seu léxico.

O aparecimento dessas palavras e expressões vem colaborar para caracterizarmos o *Talian*, o Vêneto-Brasileiro, e desmitificarmos que o dialeto falado aqui no Brasil é igual ao falado na Itália, pois muitos descendentes de imigrantes italianos pensam e acreditam que, ao visitarem a cidade de origem de seus avós na Itália, conseguirão se comunicar sem problemas, pois a “ língua é a mesma”, o dialeto Vêneto, o que realmente é uma ilusão.

Para a análise desses dados, o pesquisador fez uso do Dicionário Talian-Portoghese de Darcy Luzzatto (2000), para verificar quais palavras e expressões das informantes já são registradas no dicionário como pertencentes ao léxico do *Talian* e quais são decididamente palavras e expressões (influências) do PB usadas pelas informantes desta pesquisa.

Da informante I1G2 três palavras foram selecionadas:

Visigni: influência da palavra “vizinhos” do PB, já que em *Talian*, segundo o dicionário de Darcy Luzzatto, a palavra a ser usada seria “Vissin”.

Coral: também influência do PB, já que o termo correspondente em *Talian* seria “Coro”.

Uma: influência do PB, usada no lugar de “Una”.

Da informante I2G2 encontramos as seguintes palavras e expressões:

De repente: expressão do PB; em *Talian* os termos seriam: “Improvisamente”, “Subito”, “Ad un Trato”.

Como: palavra do PB usada ao invés de “Come”.

Rebaxarse: (rebaixarse) que poderia ser “Umiliarsi”, “Conformarsi”, em *Talian*.

Non adianta: expressão do PB que em dialeto seria “È inutile”.

Gori: (guri): palavra que em dialeto é “Toso”.

Essas foram algumas palavras e expressões do léxico do PB encontradas nas falas das informantes I1G2 e I2G2, que caracteriza a influência do PB no dialeto *Talian*.

Palavras como “**baile**”, e “**bola**” (encontradas em I2G2), já são registradas no dicionário de Darcy Luzzatto, portanto, já fazem parte do léxico do *Talian*, mesmo sendo influências do PB.

Em seguida passamos a analisar as falas das informantes da 3ª geração, bisnetas de imigrantes italianos. Dessas informantes foram selecionadas as seguintes palavras e expressões:

Da I1G3:

De repente: o mesmo ocorrido em I2G2; em dialeto seria “Improvisamente, Subito, Ad un Trato”.

Em cima do banquinho: expressão do PB; em *Talian* seria “Su la panchina”.

Português: em *Talian* seria Portoghese, como em Italiano.

Situasson Braba: expressão em PB; em *Talian* seria “Bruta situazione”.

Uma : influência do PB; em *Talian* seria “Una”.

E assim va levando: expressão em PB; ao invés de “E cosi via”

Occi attraversadi: expressão em PB (olhos atravessados); em *Talian* seria “Occi Storti”.

Barage: palavra do PB; em *Talian* seria “Diga”

Acontessesto: influência do PB; em *Talian* seria “Ga successo”

Merecem registro outras palavras, também de influência do PB, mas que já fazem parte do dicionário de Darcy Luzzatto, que se fizeram presentes no *corpus* da informante I1G3:

Mudato: seria esperado “Cambiato”; este verbo “mudare” existe também em italiano, mas é utilizado e conhecido somente por pessoas de um nível cultural mais elevado, realidade que não fazia parte dos imigrantes vindos ao Brasil. Portanto, provavelmente esse uso deve ser uma influência do PB.

Tropa: no sentido de “Molto”, “Grupo grande”.

Costuma, costumare: no lugar de “abituarsi”.

Vinte: seria esperado “Venti” (“Vinti” é encontrado no dicionário de Darcy Luzzatto.)

Da informante I2G3 selecionamos as seguintes palavras e expressões do PB:

Soltera: é palavra do PB; em Talian seria “Non sposata”, ou “Nubile”

Facoldade: é uso decorrente do PB; em Talian seria “Facoltà”

Dessa informante, também se registram palavras com influência do PB, mas que já constam no dicionário Talian-Portoghese; aqui está um exemplo:

Acostuma, costuma: melhor seria “Abituarsi”.

É importante salientar que as palavras do léxico do PB que contêm os fonemas /ʃ/ e /ʒ/, que não pertenciam aos dialetos Vênetos, passam a integrar o sistema dessa informante. Tal fato mostra-se recorrente nos nomes próprios:

Girelli : [ʒirelli] em PB, [zirelli] em dialeto Vêneto e em algumas comunidades do *Talian*, e [dʒirelli] em Italiano.

Caxias: [kaʃias] em PB, [kasias] em dialeto Vêneto e em algumas comunidades do *Talian*

Rio de Janeiro: [riw di ʒanero] em PB, [riw di zanero] em dialeto Vêneto e em algumas comunidades do *Talian*

Nota-se esse tipo de influência do PB, principalmente nas gerações mais jovens, isto é, nas 3ª e 4ª gerações de descendentes de imigrantes italianos, sendo que esse tipo de influência do PB na 2ª geração varia de acordo com o grau de escolaridade do indivíduo – quanto maior a escolaridade do falante, maior é a influência que sua fala mostra do PB. Essa variação pode

ser devido à escolaridade, mas também poderia ser atribuída à identidade com a comunidade – o papel da escolaridade pode estar camuflado pela questão da identidade.

Com a análise desses dados, podemos dizer que, com o passar do tempo, as novas gerações tendem a usar um maior número de palavras e expressões do léxico do PB ao falarem o *Talian*. Mas com isso não podemos afirmar, como muitos dizem, que o *Talian* está desaparecendo, mas, sim, que está em um *continuum* de transformação e adaptação com as influências do PB, já que essa , o PB, é a língua oficial usada hoje para toda e qualquer interação socio-econômica. O *Talian* continua e continuará sendo a língua dos descendentes de imigrantes italianos, mesmo com uma maior influência do PB, pois o *Talian* não é somente a língua dos descendentes de italianos, mas é tudo o que uma língua pode significar para um povo, é cultura, é emoção, é vida. Sempre existirá alguém, mesmo com o passar de gerações, que falará o *Talian*, não o *Talian* do início da colonização, não o *Talian* dos primeiros imigrantes, mas a mistura/evolução que se deu e que ainda hoje ocorre entre os vários dialetos formadores da região de colonização italiana (RCI) e o Português Brasileiro (PB).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa tratou da caracterização dos sistemas consonantais dos dialetos Vênetos originários da Itália, da região chamada Trivêneto: Vêneto, Friuli-Venezia-Giulia, Trentino Alto-Adige, dando ênfase aos dialetos Padovano-Vicentino-Polesano e Trevisano-Feltrino-Belunês, que eram os dialetos daqueles que formaram, por assim dizer, o grande contingente de imigrantes que, nos meados do Sec. XIX, vieram para o Rio Grande do Sul e foram assentados na serra gaúcha, hoje conhecida como a Região de Colonização Italiana, onde se encontra a cidade de Nova Roma do Sul, objeto deste estudo. Também fez parte desta pesquisa a caracterização do sistema fonológico consonantal do *Talian*, língua essa que foi o objeto principal do presente estudo, tendo como *corpus* a fala de quatro informantes da cidade de Nova Roma do Sul, cidade essa fundada por imigrantes de maioria vêneta.

Com base nos sistemas fonológicos consonantais dos dialetos vênets, foi feita uma análise comparativa até chegarmos a um inventário dos possíveis fonemas que fizeram parte primeiramente da coíné Vêneta. Posteriormente foi feito o cruzamento do sistema consonantal do PB com o da coíné Vêneta, para obtermos um único sistema consonantal que representasse a coíné Vêneta-Brasileira, o chamado *Talian*, tratando-se aqui do *Talian* falado em Nova Roma do Sul.

Com base nas falas das quatro informantes da pesquisa, duas da 2ª geração e duas da 3ª geração de descendentes de imigrantes nascidos no Rio Grande do Sul, falantes nativos do *Talian*, chegamos a um inventário comum do *Talian* falado em Nova Roma do Sul. Após, foi feito o cruzamento do sistema consonantal provável do *Talian* com o sistema consonantal decorrente do cruzamento dos dados das informantes. Com isso foi possível verificar a mudança dos dialetos Vênetos da metade do Sec. XIX para os dias de hoje e também a mudança que está sofrendo atualmente o *Talian*, que cada vez mais sofre influências do PB, não somente lexicais, mas também fonológicas, como a introdução, no sistema, dos fonemas /ʃ/ e /ʒ/ nas falas das informantes da 3ª geração de descendentes, o que caracteriza um estado de mudança no sistema fonológico do *Talian* nas gerações mais novas, já que os fonemas /ʃ/ e

/ʒ/ não integram os sistemas consonantais dos dialetos vênéticos usados como base para esta pesquisa, ou seja, o Padovano-Vicentino-Polesano, e o Trevisano-Feltrino-Belunês²⁰.

Também, através da OT, teoria que embasou a análise final deste trabalho, foi possível demonstrar, por meio do mecanismo do algoritmo proposto por Tesar & Smolensky, usando a demerção de restrições, a evolução dos dialetos vênéticos da época da imigração para os dias de hoje e para o *Talian* falado em Nova Roma do Sul, particularmente em se tratando da classe das consoantes fricativas.

No presente trabalho, os pressupostos e a formalização da OT foram adequados para dar conta do fenômeno de mudança lingüística aqui estudado. No entanto, a literatura da área tem apontado problemas no tratamento de questões de variação lingüística por esse modelo teórico.

É importante salientar que o *Talian*, objeto deste estudo, é a língua falada não pelos imigrantes do vêneto – esses falavam no início o dialeto próprio da sua região e/ou cidade e mais tarde, a coine Vêneta-Lombarda e não a coine Vêneta-Brasileira (*Talian*) – mas, sim, pelos seus descendentes, pois o *Talian* somente surgiu depois do contato desses imigrantes com o PB.

Diferentemente do que muitos pesquisadores podem pensar, o *Talian* não está morrendo e não irá desaparecer nos próximos 30 anos, como diz a reportagem de Zero Hora do dia 24 /07/ 2005 (em anexo)²¹ O que está desaparecendo, isto sim, são os dialetos que ajudaram na formação do *Talian*. O que podemos afirmar, e sem medo de errar, é que o *Talian*, como toda e qualquer língua humana, pode (e deve) sofrer mudanças, especialmente em virtude do contato cada vez maior com o PB. Essas mudanças podem ocorrer tanto no âmbito fonológico, ou lexical, como podemos verificar nos empréstimos do PB ao *Talian* no cap. 5., como também podem atingir outros componentes da gramática.

O *Talian* ainda hoje é uma língua muito difundida, pois há, no Rio Grande do Sul, aproximadamente 3,5 milhões de descendentes de italianos, dos quais grande parte ainda fala e compreende o *Talian*. E é através dessa língua, própria dos descendentes de imigrantes, que

²⁰ É relevante referir que a mudança lingüística que resultou no atual *Talian*, aqui descrito, é decorrente de contato entre línguas e, não, de variação dentro de um único sistema.

²¹ As imprecisões relativas a conceitos lingüísticos presentes no referido artigo não são objeto de análise neste trabalho.

a cultura é passada de geração a geração. Isso se vê nas festas típicas da RCI, onde os descendentes se encontram para cultivar suas tradições e transmiti-las aos mais jovens. A língua é a identidade de um povo, por isso, acredito que o *Talian* irá “sobreviver” por muitas décadas, mesmo sofrendo as influências inevitáveis do contato com o PB.

Ao concluir este trabalho, não poderia deixar de relatar o quanto foi prazeroso fazê-lo; escrevendo-o, descobri aos poucos também parte da minha história e da história de meus antepassados, que aqui chegaram com o sonho de “far l’ America”.

BIBLIOGRAFIA

ALTENHOFEN, C. V. O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do hunsrückisch no RGS. *Cadernos do Instituto de Letras.*, UFGRS, n. 18, p. 17 –26, 1997.

ALVES, U. K. *O papel da instrução explícita na aquisição fonológica do inglês como L2: evidências fornecidas pela teoria da otimidade.* Dissertação de Mestrado. Pelotas: UCPEL, 2004.

ARCHANGELI, D. Optimality Theory: An Introduction to Linguistics in the 1990s. In Archangeli, D. e Langendoen. *Optimality Theory: an overview.* Oxford: Blackwell, 1997. p.1-32.

BECKMAN, J. *Positional Faithfulness.* Ph.D. Dissertation. Amherst: University of Massachusetts, 1988.

BENINCÁ, P.; MIONI, A.; VANELLI, L.(orgs) *Fonologia e morfologia dell'italiano e dei Dialetti d'Italia.* Roma: Bulzoni, 1999.

BERNARDI, U. *A catàr fortuna, Storie venete d'Australia e del Brasile.* Veneto: Neri Pozza, 1994.

BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro.* 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BONILHA, G. F. G. Considerando a riqueza da base. *Letras de Hoje.* Porto Alegre: v.34,n 4, p. 369-379, dez 2003b.

_____. *Aquisição dos Ditongos Orais Decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade.* Dissertação de Mestrado. Pelotas:UCPEL, 2000.

_____. Construindo hierarquias: algoritmo de aprendizagem. In: MATZENAUER, Carmen L. B. e BONILHA G.. *Aquisição da fonologia e Teoria da Otimidade.* Pelotas: Educat, 2003a. p25 – 37.

_____ Conjoined Constraints and Phonological Acquisition. *Journal of Portuguese Linguistics*, 2 p. 7 – 30, 2003.

CAGLIARI, L. C. *Análise Fonológica – Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Do Autor, 1997.

CANEPARI, L. Trascrizione pratica dei dialetti veneti, In, CANEPARI, L. e CORTELAZZO, M. *Guida dei Dialetti Veneti II*. Veneto: 1980.

_____ *I suoni dialettali e il problema della loro trascrizione*, In, CANEPARI, L. e CORTELAZZO, M. *Guida dei Dialetti Veneti I*. Veneto: 1979.

CARBONI, F.; MAESTRI, M. (orgs) *Raízes Italianas do RGS 1875-1997*. Passo Fundo: UPF, 2000.

COLLISCHONN, G. Fonologia lexical e pós-lexical e TO. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v.37, n1, p.163 - 187, mar.2002.

CORTELAZZO, M. *Parole Venete*. Vicenza: Neri Pozza, 1994.

COSTA, J. *Gramática, conflitos e violações: introdução à OT*. Lisboa: Caminho, 2001.

DARDANO, M.; TRIFONE, P. *La lingua italiana, una grammatica completa e rigorosa*. Bologna: Zanichelli, 1995.

DA HORA, D. Teoria Fonológica e Variação: a fricativa coronal /s/. *Letras de hoje*. v.37, n.1, p.199-219, mar. 2002.

_____; COLLISCHONN, G. (orgs) *Teoria Lingüística-Fonologia e Outros Temas*. João Pessoa: Universitária, 2003.

DE AZEVEDO, T. *Italianos e Gaúchos os anos pioneiros da colonização italiana no RGS*. Porto Alegre: A Nação/ Instituto Estadual do Livro, 1975.

DE HEREDIA, C. *Do Bilingüismo ao Falar Bilíngüe*, in VERMES, G. BOUTET, S. (orgs) *Multilingüismo*. Campinas: UNICAMP, 1989 p.177 – 220.

DE HOUVWER, A. A aquisição Bilíngüe da Linguagem. In: FLETCHER, P. & MACWINNEY, B. *Compêndio da Linguagem da Criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

DE MARCO, M. *A fonologia na aquisição precoce de uma LE*. Dissertação de Mestrado. Pelotas: UCPEL, 2003. 115p.

DE MELLO, H A. B. *O Falar Bilíngüe*. Goiânia: UFG,1999.

DE MOURA, I. M. *Traição lingüística e lealdade cultural a alternância de código no discurso bilíngüe*. Dissertação de Mestrado Pelotas: UCPEL, 1997. 177p.

FROSI, V. M. *A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil*. In: MAESTRI, M. (coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS,1998.

_____; MIORANZA, C. *Imigração italiana no nordeste do RGS*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

_____. *Dialetos italianos*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

KAGER, R. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

LABOV, W. *Principles of linguist change*. Oxford: Blackwell, 1994.

LAMPRECHT, R. R. (org.) *A aquisição fonológica do Português – Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

_____. (org.) *Aquisição da Linguagem – questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

LEE, S.H. Teoria da Otimidade e Silabificação do PB, In: IBLER, V. B.; MENDES, E. A M.; OLIVEIRA, P.F.M. (EDS.) *Revisitações: Edição Comemorativa dos 30 anos da FALE – UFMG*, Belo Horizonte: UFMG, 1999.p.143-156.

LEPSCHY, A. L.; LEPSCHY G. *La lingua italiana, storia, varietà dell'uso e grammatica*. Milano: FABBRI – BOMPIANI, 1981.

LORENZATTO, A D. *Os vênetsos, nossos antepassados*. 2 ed. Porto Alegre: Est, 1999.

LUZZATTO, D. L. *Dicionário Talian-Vêneto-Brasileiro-Português*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

MATZENAUER, C. L. B. e BONILHA, G. F. G. *Aquisição da fonologia e teoria da otimidade*. Pelotas: EDUCAT, 2003.

McCARTHY, J. J. *A thematic guide to optimality theory*. Cambridge: Cambrigde University Press, 2002.

_____. *Optimality Theory in Phonology*. Oxford:Blackwell, 2004.

_____ ; Prince, Alan S. *Prosodic Morphology I: constraint interaction and satisfaction*. Neuw Brunswick: Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993.

MEO ZILIO, G. *Ricerche di dialettologia veneto – latinoamricana*. Roma: Bulzoni, 1995.

_____ *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Venezia: Multigral,1987.

MOLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs) – *Introdução à sociolingüística, o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis:Vozes, 2000.

NESPOR, M. *Le strutture del linguaggio: Fonologia*. Bologna: Il Mulino, 1993.

PANOZZO, J. (coord) *Nova Roma do Sul: A construção social de um espaço*. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory: Constraint interaction and generative grammar*. New Brunswick: Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993.

ROMAINE, S. *Bilingualism. The Bilingual Child*. Oxford: Blackwell, 1995.

SCHWINDT, L.C. O prefixo e a silabificação em PB: um exercício em LPM-OT. *Letras de hoje*.v.37, n. 1, p. 189-198, mar. 2002.

SENSINI, M. *La Grammatica della Lingua Italiana*. Milano: Mondadori, 1994.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do Português*. São Paulo: Contexto, 2002.

STAWINSKI, A V. *Dicionário Vêneto-Português-Italiano*. Treviso: Cornuda,1995.

TESAR, Bruce; SMOLENSKY, Paul. *Learnability in Optimality Theory*. Cambridge: MIT Press, 2000.

TITONE, R. *Bilinguismo precoce e educazione bilingue*. 2. ed. Roma: Armando,1993.

TONIAL, H. *Adesso Imparemo*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto,1995.

ZAMBONI, A. – *I Dialetti del Veneto*. Pisa: Pacini, 1974.

VON BORSTEL, C. N. O Codeswitching no Brasil Deutsch e no Talian. *Revista do GELNE*, 5 n. 1 e 2. João Pessoa: Idéia, 2003.

ANEXO 01

CORPUS QUE EMBASOU A PRESENTE PESQUISA

IIG2 – 55 ANOS – NETA DE ITALIANOS

Ana:

E Romilda allora?

Cosa fai Romilda?

Cosa me conti?

ROMILDA:

Mi ti conto che mi me piase cantar

[mi`ti `konto ke mi`me `pjaze `kantar]

Quando gera dovena mi cantava lá ntela mi casa,

[`kwandu `dʒera `dovena mi kan`tava `la in`tela mi`kaza]

Ntela mi rossa, soto i miei pignai

[in`tela mi `rɔza i`mi `soto `piɲaj]

Mi e me sorela

[`mi e me so`rela]

E del col'altra banda e i visigni me giutavano cantà

[e del co`laʎtra `banda e vi`ziɲi me dʒu`tavano kan`ta]

El cantava massolin di fiori

[eʎ kan`tava ma`solini di fi`ori]

E mi cantea primo

[e`mi kante`a `primo]

E quel altro mi giutavano ntel secondo

[e kwelaʎtro mi dʒu`tavano in`tel se`kondo]

ANA: e mi so che ti gera una bela vosse, voce

ROM.: ah, sì par quello sì, la voce non venia mal no
[ˈsi parˈkwelo si ˈla ˈvotʃe no ˈvenja ˈmaʎno]

Toca tegnegere ben pulito anca quella
[toˈka teˈnegere ˈbɛn puˈlito ankaˈkwela]

Ma io canti brevi brasilieri, canti italiani
[ma iːo ˈkanti ˈbrevi // braziˈljɛri // ˈkanti italiˈãni]

E io son ... fasso parte del coral
[jo ˈson ... ˈfaso ˈparte deʎ koraʎ]

E i canti ghe vuol sempre né
[i ˈkanti ge ˈvoʎ ˈsempre ˈnɛ]

Par continuar la tradisson italiana
[pa(r) kontinua(r) la: tradiˈson italiˈãna]

... imparar via i pensieri
[imˈparar ˈvja i penˈsjɛri]

(risos)

... fasso un poco di tuto né
[ˈfaso um ˈpoko de ˈtuto nɛ]

reforma che me son bona
[reˈfɔrma ˈke me sɔn ˈbona]

giustar mete su i tacone
[dʒusta(r) mete` suj ta` kome]

sui per le robe né
[suj per` le `rɔbe nɛ]

su per le braghe
[suj per` le `brage]

una volta se taconea tanto
[una `vɔʎta seta` koneə `tãnto]

le pesse su par le braghe
[le `pɛse su `perle `brage]

quanto che se giustava
[`kwanto ke` se dʒus` tava]

e venea l'ora ntel inverno
[e `veneə `lora teʎ in`verno]

una volta che piovesse né
[uma `vɔʎta `ke pjo`vese nɛ]

par star casa giustar le robe né
[pa`rista(r) `kaza `dʒustar le rɔbe`nɛ]

perché non se gavea mia tempo lá
[per`ke no se ga`veə mja tempo`la]

tochea andar in colonia

[token`darin ko`lonja]

...

tochea andar in colonia

[token`darin ko`lonja]

perché se non se andea

[per`ke se`non sen`deja]

i non se fermia sui posti in laori

[i`non se fer`mja suj`pɔstin la`ori]

e, lora se si vedea

[e // `lora se`si ve`deə]

che se piovesse ntel inverno

[ke`se pjo`vese in`tel in`verno]

par star casa giustar le robe

[paristar `kaza dʒus`tarle `rɔbe]

taconar so

[tako`nar `so]

far dressa par farsi i capei

[far `dresa // par far`zi kapej]

far le sporte

[far`le isportɛ]

e, laorar pɔ, in colonia.

[e // `lawrar pɔ in ko`lonja]

I2G2 – 48 ANOS – NETA DE ITALIANOS

Te conto che una olta era tuto diferente

[te`kõnto ke uma `ołta erə `tuto diferẽnte]

Zera mia come adesso

[`zerə `mja `kome adesso]

Vanti di magnar toca dir su il rosario

[`vãnti di `mɔɲa `toka dir `suł ro`zarjo]

Mi pare era ben severo lu

[mi `pare erə bẽn se`vero lu]

[...]

tuti i se vegneva da colonia

[`tuti sevẽ`ɲevə da ko`lonja]

lora el ga dito se mia il rosario dizea

[`lorə el`ga `dito se`mja ił ro`zarjo di`zea]

su un altro rosario par la madona

[su`nałtro ro`zarjo `parlə ma`donə]

e par signore e par santo antonio

[e par si`ɲore e par `santo an`tonjo]

el finia più e natri emo ciapà el sono

[el fi`nja `pi e `nãtri emo tʃja`pa el `sono]

se no mi indormensai su una carega
[ˈseno mi indorˈmɛnsaj suna karɛga]

tuti noi cièi pò
[ˈtuti ˈnoʝ tʃej ˈpo]

e lu scoltea con una recia per vede chi non rispondea mia
[e luskolˌtea koˈnuna ˈretʃja per ˈvede ki nõn rispõndea mja]

e natri semo ciapà indormensai
[e ˈnatʀi semo tʃaˈpa indorˈmɛnsaj]

de repente vien de drìo “toc” lu in tua testa
[dereˈpɛnte viˈen deˈdrjo ˈtok” lujn ˈtua ˈtestə]

aun tuti se ga smissia i santa maria
[aˈun ˈtuti seˈga isˈmisja i ˈsanta ˈmarja]

tuti nessun di pì ga ciapà il sono
[ˈtuti ne sun de ˈpiga tʃjâ pai l ˈsono]

[...]

e adesso le tuto diferente adesso
[e aˈdeso le ˈtuto difeˈrɛnte aˈdeso]

le mia facile far pregar i tosi il rosario
[leˈmja ˈfatʃile far preˈgari ˈtoziʀ roˈzarjo]

[...]

in ciesa toca sforzarli come una machina
 [in`tʃeza `toka isforsarli `kome uma `makina]

como un motor quando el drjo storar
 [`komo um mo`tor `kwando el`drjo istorar]

tu sei par farli ndar in ciesa
 [tu sej par fa`lindarin `tʃeza]

[...]

te digo mi che non le mia facile proprio
 [te `digo `mi ke nolemja fa`tʃile `prɔprjo]

ma far che tocarà apendere avanti
 [mafar`ke toka`ra a`pendere a`vanti]

farli ndar parche non adianta mia
 [far`lindari par`ke non a`dʒjanta`mja]

non adianta mia esti tosi di giorno d'incoi
 [non a`dʒjanta`mja `esti `tozi di dʒjorno din`koj]

[...]

ma prega, ciama il signor, ciama madona
 [ma `prega // `tʃama sijnor `tʃama ma`dona]

che el giute, che sviene do
 [keɫ¹ dʒute kez¹vəni do]

e quel toso che el mete un poco to testa
 [keʃ `tozo keʃ `mete un `poko to `testa]

che non ghene cristo che me ascolte
 [ke non `gene `kristo ke mes`koʃte]

far che lora
 [far`ke `lora]

[...]

par l'amor de Dio
 [parla`mo: de `djo]

[...]

no parche lo castigà a casa
 [no par`ke kas`tiga a `kaza]

se non ndea mia a messa
 [se non an`deə mja a `mesa]

gnanca lora al baile
 [e`ɲānka `loraʃ `bajle]

gnanca diverson
 [i`ɲānka diver`son]

e lora resta cativo e bestema el brontola
 [e `lora `resta ka`tivo e bes`tema el bron`tola]

e va fora ma non adianta

[e `va `fɔra ma`non a`dzjanta]

e toca “rebaxarse” sempre con quel nervoso tu sei

[e `toka “reba`farse” sempre konkeʎ ner`vozo tu sej]

“urrgh” ma non adianta

[“urrgh” ma`non a`dzjanta]

[...]

e se te ghe daí diese reai loro maria santissima

[e sete`ga `daj `dize re`aj ‘loro `marja sãn`tisima]

lo che è questo le una passada

[lo`ke `kwesto `lena pa`sada]

loro ghe vuol molto pì

[`loro ge voʎ moʎto`pi]

[...]

gorì fami quel laoro lì

[go`ri `fami kela`oro li]

ah! Ma mi son stufo che ghen posso più

[(ah!) ma`mi son is`tufo ke gen ‘pɔso `pju]

te le mole indrio la bola e tuto spaca su

[`tele ‘mɔle in`djo `la `bɔla e `tuto ispaka`sus]

ha gai tuti gnochì su ntei piedi
[a`gaj `tuti i`ɲɔki su intej pi`ede]

bote che el gà ma non si rende mia
[bɔte ke eʃ`g a ma`non `si `rende `mja]

[...]

ma non senti mia
[ma`non `senti `mja]

adesso se te ghe porte
[a`deso sete`ge porte]

manda torghe un cesto di legna
[`mãnda `torge in `sesto di `leɲa]

lu le tuto spaca su
[lu`le `tuto i`spaka`su]

le mal par tuto
[le maʃ pa: `tuto]

IIG3 – 43 ANOS – BISNETA DE ITALIANOS

De repente sono la più giòvana di tuti qua né

[dere`pente `sono la `pju dʒovana di `tuti `kwa // ne]

La mia vita a trenta ani indrio

[la `mja `vita a `trenta ãnin`drjo]

Gera in colonia anca mi

[`dʒera in ko`lonja anka`mi]

Gavea diesi ani, diesi e pochi ani

[ga`veə dizi`ãni // `dizi puki`ãni]

El era ben diferente

[e`lera `ben dife`rente]

Come gavea dito quel altre

[`kome ga`veə `dito kwelafter]

Là gavea di pregar diferente

[la ga`veə pre`ga: dife`rente]

Dopo me gò maridame

[`dopo me`go mari`dame]

Son vignesta star Nova Roma

[`son vi`nesta is`tari `nova `roma]

Nasse la bodega ma anca no le mia facile

[`nas ela bo`dega ma `anka no`le mja `fat{ile}]

Quando eri in colonia mondea vinte vache
 [ˈkwando ˈerin koˈlonja monˈdeə ˈvinte ˈvake]

Tuti i giorni matina e sera
 [ˈtuti ˈdʒorni maˈtina e ˈsera]

Tochea ndar a messa tute dimeneghe
 [ˈtokeˈdari a ˈmesa ˈtute di ˈmenege]

Mondre vinte vache a man e dopo ndar a messa
 [ˈmondri ˈvinte ˈvake ˈman // e ˈdopo ˈmesa]

E casa avanti e indrio a pie
 [i kazaˈvanti inˈdrjo piˈe]

I giorni d'incoi ga mudato tuto
 [I ˈdʒorno diˈko ˈga muˈda ˈtuto]

[...]

ma non ghe passa mia quel che go passato
 [maˈnuj ˈga mja // miˈpasa ˈmja kweˈk ego paˈsato]

mi ghe conto luri pianse
 [miˈge ˈkonto ˈluri piˈãnze]

quando che mi ghe digo
 [ˈkwando ke mi ge ˈdigo]

che gavea la brina, che andea senza niente ntei pie
 [`ke ga`veə la `brina // ke an`deə `njente in`te pi`e]

tante olte monder le vache
 [`tante ołte monderi le `vake]

luri credi mia
 [`luri `krɛdi mja]
 [...]

a scuola go studiato solo quinta serie
 [a is`kola go istu`djato `solo `kinta `serja]

che mi era pì vecia tochea star casa
 [`ke `mjɛra pi `vetʃja to`keə istari `kaza]

farghe il café per pì ciei
 [`farge ka`fɛ per pi`tʃej]

farghe magnar a polenta em cima banquinho né
 [`farge ma`ɲari // a po`le:nta in`sima ban`kijno // nɛ]
 [...]

e mi gera la più vécia e dopo mi ghenera
 [e mi `dʒɛra la pju`vetʃa e `dɔpo mi gi`nɛra]

ancora oto una tropa
 [an`kora `oto // una `trɔpa]

sorte che tuti se ga fato furbi studiar
 [`sɔrte ke `tuti se`ga `fato `furbi da istu`djari]

in colonia non ghe pì neanca un
 [in ko`lonja non`ge `pi ne`anka un]

e allora mi go maridà en lá tel bar
 [e a`lora `migo mari`dadi en`la teł ba(r)]
 là go un'altra vita diferente
 [la`go u`nałtra `vita dife`rente]

là allora viene fora tute
 [la`lora `viene fora `tute]

te ghe senti di tuto la ntel bar
 [te`ge sen`ti di `tuto la inteł ba(r)]

là giughe le carte e bestema
 [la `dzuge le `karte e bes`tema]

e tante volte dize : te tiro do dela su
 [e `tante `vòłte `dize // te `tiro dodela`su]

mi vien da pianser, da voia da pianser
 [mi `vjen da `pjanze // da voja da `pjanze]

ma fa tu che, le vissio
 [mafatu`ke // le `visjo (vi]jo)]

mi me go costuma e sentir bestemar
 [mi`me go kos`tumada e sen`tiri bes`tema:]

e dize tute le bestemie
 [e `dize `tute le bes`temje]

dio porco e tal, né ma le un vissio
 [djo `pørko e tał // nɛ ma`lê um `visjo]

le un vissio e ze tuti vissiai
 [le um `visjo e zé `tuti visi`aj]

[...]

mi penso che non le mia par mandarle via
 [`mi `penso `ke non le`mja pari man`darle `vja]

ma le parche le un vissio e se ga costumai e la vien fora
 [ma`le par`ke `le un `visjo e se`ga kos`tumaj e la `vjen fɔra]

ma se te vuol saver quel dela politica
 [ma se te vu`oł sa`vele `kweł `dela po`litika]

quel che ga acontessesto gieri sera
 [`kweł ke`ga akonte`sesto `dʒeri `sɛra]

o qualcosa là te le se tute
 [o kwal`kɔza late`le se `tute]

la matina bonora le vien fora tute
 [la `matina bo`nora le `vjen `fora `tute]

[...]

e adesso ga arriva quei da barage
 [e a`deso `gariva `kwej da baraʒe]

[...]

meliora ntel sentido di entrar soldi ntel bodega “pooh”

[me`ljora ıntel sem`tido di em`trari `sɔłdi in`tela bo`dɛga “pooh”]

e bevi e il fuma e giuca le carte

[e `bevi it `fuma e dʒuka le `karte]

[...]

ma te dize ti ma non le mia anca facile setu

[ma`te `dize ti ma`non le mja `anka `fatʃile `setu]

parche vien entro quei dela colonia

[par`ke `vjen `entro kej `dela ko`lonja]

e toca vedi i negri dela barage quei là

[e `toka `vedi: `negri `dela `baraze kwej`la]

e quei altri non ghe piase mia

[e kej `ałtri non`ge `pjaze `mja]

se mi ghe rispondi in talian i me varda

[se`mige rispondintali`ãni me `varda]

con due occhi atraversadi

[kon `dwe `otʃi atraver`sadi]

lora toca sempre rispondeghi chi che vien ntel balcon

[`lora `toka `sempre ris`pondegi ki ke `vjen `inteł `bałkon]

procurar rispondeghe sempre in português

[proku`rari ris`pondege in portugwez]

che lora quel che le là che ascolta sente la risposta

[ke `lora kweɫ`ke le`la ke as`koɫta `sente la ris`pɔsta]

e imagina quanto che le altro me ga domandà

[e ima`dʒina `kwanto ke`le `aɫtro me`ga do`manda]

parche, se no resta una situasson meza braba

[par`ke `seno `resta uma sitwason `mesa `braba]

ste giorno ghegenera un che l'è andato a messa

[is`te dʒorno gi`nera uno ke len`dato a `mesa]

parche ghene tanti che va ala messa “merculi fabrissero”

[par`ke ge`ne `tanti ke vala`mesa `mɛrkuli fabri`sero]

el va su insieme anca tanti

[eɫ va`su in`sjeme `anka `tanti]

lora fora messa ghenere due veciete da colonia

[`lora `fora `mesa gi`nera `dwe ve`tʃete da ko`lonja]

ma luri non sa mia [...] e ga dito

[ma `luri `nonsa mja [...] e ga `dito]

varda quel là, quel là é el negro dela barage anca questo

[`varda kwe`la // kwe`la ε eɫ `negro de`la baraʒe anka kwesto]

e l'omo le vignesto do la bodega

[e`lɔmo le vijnesto do `la bodega]

el ga dito cossita dame una caciassia
 [ˈeɫga ˈdito koˈsita ˈdame uma kaˈtʃasa]

desso vien qua che te conto uma
 [ˈdeso ˈvjen ˈkwa ke te ˈkonto uma]

son vignesto fora da ciesa e ghenera due colonete lá
 [son vijnesto ˈfora de ˈtʃeza e genera ˈdwe koloˈnete ˈla]

due veciete puareti anca lá con fredo e ga dito
 [dwe veˈtʃete pwaˈreti ankaˈla con ˈfredo e ga ˈdito]

me ga dito quel lá vardá quel lá negro dela barage
 [meˈga ˈdito kweˈla ˈvarda ˈkweˈla ˈnegro deˈla baˈrage]

ma luri non sta mia che mi go capio tuto
 [ma ˈluri non isˈta mja ke ˈmigo ˈkapjo ˈtuto]

mi parlo talian anca mi ga deto
 [mi ˈparlo taliˈãni ankaˈmi gaˈdeto]

mi son del Paraná e parlo talian anca mi
 [mi son deɫ paraˈna e ˈparlo taliˈãnkaˈmi]

e mi lá ntel bar che digo
 [e miˈla inˈteɫ ˈbarˈke ˈdigo]

senti parche ghene pì de un che lo capisse
 [ˈse:nti parˈke geˈne ˈpide uno keˈlo kaˈpise]

e si fa di stupidi ma i capissi luri
[e si`fadi is`stupidi maj ka`pisi `luri]

di pì di uno
[di`pi di uno]

e assim va levando
[e āsim va le`vāndo]
[...]

I2G3 – BISNETA DE ITALIANOS.

Ana:

Vânia cosa pensi

Cosa pensi tu ti su tuto quel movimento

Camioni che vieno a Nova roma?

Cosa mi dizi tu ti di queste robe?

VÂNIA:

Bene scominsio per il mio nome

[ˈbene iskoˈminsju ˈperit̪ mjo ˈnome]

E mi nome é Vânia Girelli

[e ˈmi ˈnome e ˈvanja ʒireli]

Ho venti ani

[ɔ ˈvinti ˈãni]

Sono soltera, studio ingegneria di alimenti

[ˈsono soʎˈterá isˈtudju endʒeˈnarja di alimenti]

Ntela facoldade di caxias do sul

[inˈtela fakoldade di kaˈʃjas du suʎ]

Mi piase tanto studiar

[ˈmi piˈaze ˈtanto istudjar]

Parche bisogno “pareciarse”

[parke biˈzojo ˈpareˈtʃarse]

Per catár un bon lavoro
[per ka`tarun `bõn la`voru]

Perché in giorno d'incó
[per`kin dzornu din`kõ]

Non é mia facile
[`no ε mja `fatʃile]

E quel che ha studio el va avanti
[e kwel`ke a is`tudjo elva`vãnti]

Ma non é mia facile con i soldi
[ma`nε mja `fatʃile `kuj `sõłdi]

Toca far come se pol
[to`ka far `kome se pol]

E dopo, e dopo se penso anca di maridarme
[e `dopo // se`penso `anka di maridarme]

Me ha son mia ciapar soto i uomi no
[me`a so`mja `tʃapar `soto iwomi`no]

Vuoi ciaparme i miei soldi.
[voj `tʃaparme imiej `sõłdi]

Mi son nassesta in Antõnio Prado ma son di star in Nova roma
[mi sona`sesta i an`tonjo `prado ma`son dis`tarin `nova `roma]

Qua vien via di tirar su una grande roba mai vista fin adesso
 [ˈkwa viˈen ˈvja di ˈtɪrar ˈsuna ˈgrande ˈrɔba maj ˈvista finaˈdeso]

Le ze una usina idreletrica
 [leˈze una uˈzina idreˈletrika]

Ma se te vedessi quanta gente, quanti camion,
 [maseˈte veˈdesi ˈkwanta ˈdʒente] [ˈkwanti kaˈmjoni]

Machine che vien in Nova roma
 [ˈmakine keˈvim ˈnɔva ˈroma]

Ma quante persone stranie
 [ˈma ˈkuante perˈsone ɪstrane]

Che vien del Pará, San Paolo, tuti de là su rio di janero
 [ˈke viˈen deˈpara ˈsãn ˈpawlo] [ˈtuti ˈdela su ˈrjo di ʒanero]

Temo mia tanto acostumà con questa gente
 [ˈtemo mja ˈtanto akostuˈma ˈkon ˈkwesta ˈdʒente]

Bisogna che il governo mandi tanto soldi
 [biˈzoŋa kiˈgoˈverno ˈmandi ˈtanto sołdi]

E cossì tuti diventemo richi
 [e koˈsi ˈtuti divenˈtemo ˈriki]

Tanta gente vegnerà far turismo
 [ˈtanta ˈdʒente veʒeˈra ˈfar tuˈrismo]

Perche gavemo tanti bei posti

[per`ke ga`vemo `tanti ben `pɔsti]

E diventa più bei ancora cola usina idreletrica

[e de`venta `pju ben an`kɔra kolo`zina idre`letrika]

Ma penso che vegnerà anche altri tipi di gente come assaltanti

[ma`penso `ke veje`ra `anki `ałtri `tipi di dʒente komjasaf`tanti]

Pó essere che no

[`pɔ `esere ke`no]

Ma mi credo che si

[ma`mi `kredo ke`si]

Cambierà tuto Nova roma

[kambi`era `tuto `nɔva `roma]

Se gà di vedi...

[se`ge `di `vedi]

Che se ga mai viste robe brute

[ke se`ga maj`viste `robe `bru:te:]

Noaltri qua semo costumà come che semo

[no`ałtri `kwa `semo kostu`ma `kome ke `semo]

Non gavemo più pace come prima

[non ga`vemo `pju `patʃe `kome `prima]

Di assar la porta , le finestre verte dela casa
 [djasar la pɔrta] [lê fi`nɛstre `verte `dela `kaza]

Mi vuoi gnanca saver dei cambiamenti intorno
 [mi vuj `(i)ɲãnka `saver dej kambja`menti in`torno]

Son drìo studià parche, se toca andare via
 [son`drjo istudi`a(r) par`ke se `toka an`dare `vja]

Me ne do in bom
 [mene`don bon]

A me mi do un bon studio
 [amemi`don `bon istudjo]

e sarà più facile catà un bon lavoro.
 [e sa`ra `pju `fatʃile ka`tarun bon la`voro]

Ana:
 Molto bene, come parli bene il dialeto Vânia (parabéns)
 Brava, brava próprio brava.

ANEXO 02

**SISTEMA CONSOANTAL DO DIALETO VENEZIANO E DO
ITALIANO STANDARD**

Sistema consonantal do dialeto Veneziano²²

Embora não tenha participado diretamente da formação lingüística de Nova Roma do Sul, o sistema consonantal Veneziano, é aqui apresentado devido à importância da cidade de Veneza como capital da Região do Vêneto, a qual exerce uma grande influência sócio-econômica e cultural nas demais províncias (cidades) da região do Vêneto, exercendo sua influência até nos outros dialetos por tratar-se de um dialeto de prestígio, o dialeto da capital.

Quadro XX - O Sistema Consonantal do dialeto Veneziano moderno

	bilabial	labiodental	dental interdental	alveolar	palatal	velar
Plosiva	p b		t d			k g
Fricativa	f v			s z		
Africada					tʃ dʒ	
Nasal	m			n	ɲ	
Líquida lat.				l		
Líquida vib.				r		

²² Esse é o sistema fonológico do dialeto Veneziano nos dias de hoje, segundo Zamboni 1974.

Sistema consonantal do Italiano Standard²³

O sistema do Italiano Standard é aqui representado por ser o sistema consonantal da atual língua oficial da Itália, país de origem dos imigrantes que vieram formar as comunidades da RCI no nosso Estado.

Quadro XXX - O Sistema Consonantal do Italiano standard

	bilabial	labiodental	dental interdental	alveolar	palatal	velar
Plosiva	p b		t d			k g
Fricativa	f v			s z	ʃ	
Africada			ts dz		tʃ dʒ	
Nasal	m			n	ɲ	
Líquida lat.				l	ʎ	
Líquida vib.				r		

⊙ Esse fonema é só do Italiano Standard; não aparece em nenhum dos dialetos Vênetos aqui estudados, isto é, os grupos Padovano-Vicentino-Polesano e Trevisano-Feltrino-Belunês.

²³ Esse é o sistema fonológico do Italiano Standard nos dias de hoje, segundo Dardano e Trifone 1995.

ANEXO 03

ARTIGO: OS ITALIANOS QUEREM SALVAR O VÊNETO

IMIGRAÇÃO Apesar das iniciativas para o dialeto não ser esquecido, estudiosos dizem que ele morrerá em até 30 anos

Os italianos querem salvar o vêneto

NÁDIA LE TONI

◆ Agência RBS/Caxias do Sul

Se um forasteiro sair de olhos vendados pelas ruas de Serafina Corrêa, na Serra, nos próximos dias poderá imaginar que está em alguma cidadezinha de Vicenza, no Norte da Itália, no século passado.

O falar alto do dialeto nas casas, bodegas, lojas e fábricas dará a impressão de que a cidade mudou de continente.

Na verdade, os moradores só estão cumprindo o que determina uma lei municipal. Desde 1989, os serafinenses têm de falar o dialeto vêneto em qualquer lugar da cidade durante a Semana do Município, celebrada no fim de julho.

A medida não prevê punição a quem não seguir a lei, uma vez que 20% dos 12 mil habitantes não são descendentes de italianos. O restante da população, no entanto, faz valer a lei sem muito esforço. É que todos falam ou pelo menos entendem a mistura de dialetos, predominantemente o vêneto, que se convencionou chamar de talian.

— A gente sempre fala o dialeto. Principalmente em casa e com os amigos. Para dizer a verdade, eu ainda não aprendi direito o português — admite Albino Zilio, 64 anos.

O agricultor se acostumou tanto à língua ensinada pelos pais, netos de imigrantes, que mistura palavras em português e italiano numa mesma frase. Principalmente quando conta histórias da infância e anedotas, as indovelas, em noites de filô. E tudo o que Albino diz é sempre muito bem entendido pelo neto Alencar Zilio, 15 anos.

— É que desde pequeno eu convivo com pessoas que falam o dialeto e fui aprendendo. Não o uso como língua principal, mas entendo e também falo de vez em quando — conta o estudante.

Por meio da lei, Serafina Corrêa dá continuidade à língua trazida pelos imigrantes há 130 anos e vende a imagem turística de Una Piccola Itália in Mezzo ai Monti (uma pequena Itália em meio aos montes). Mas trata-se de uma proposta com a marca da contradição, porque pesquisadores prevêm o fim do dialeto em 20 ou 30 anos.

— Não adianta. Por mais que haja iniciativas de preservação, o dialeto vêneto vai morrer. Foi assim com o

latim e vai ser assim com o dialeto. A evolução socioeconômica das comunidades e a interação com outras culturas forçam as pessoas a falarem a língua oficial do país, mesmo nos lugares pequenos. Assim, o dialeto cai em desuso e se perde com o passar das gerações — explica a doutora em Educação Vitalina Maria Fros, desde 1973 dedicada a pesquisar dialetos.

Hoje estima-se que 30% da população gaúcha, em torno de 3,5 milhões de habitantes, seja descendente dos 76 mil italianos que desembarcaram no Estado de 1875 a 1914. Mas uma minoria cultiva o dialeto. Se conhecem a fala, compreendem-na, mas não a praticam. Comunidades como Serafina Corrêa são exceções.

— O uso do talian como língua principal é mantido mais por pessoas de meia-idade ou idosos, moradores da zona rural, que foram educados antes no dialeto do que no português. Por isso, a língua permanecerá até que eles estejam vivos — ressalta a historiadora e doutora em Ciências Sociais Loraine Slomp Giron.

Além de razões econômicas e históricas, o dialeto está fadado ao fim porque só é usado na região. O vêneto, ou talian, não é falado em lugar algum do mundo, nem na Itália, onde surgiu. Os italianos, lá na Itália, misturaram o dialeto com a língua oficial e ainda incorporaram palavras de outros idiomas, como o inglês. Um fenômeno que também ocorreu por aqui. Muitas expressões do dialeto vêneto têm origem no português. A palavra polenta é um exemplo: polenta em português e em vêneto.

A morte do dialeto não é surpresa para estudiosos. É que seu fim foi decretado ainda em 1937. Durante o governo de Getúlio Vargas, no Estado Novo, uma campanha de nacionalização impôs que todos estrangeiros falassem só português.

Ainda assim, o vêneto sobreviveu, mas vem desse período a vergonha de ser talian.

De lá para cá preconceitos foram derrubados, mas o crescimento das cidades provocou, aos poucos, o desuso do talian. Um fenômeno que a história explica: um dialeto em terra estrangeira é cultivado no máximo por quatro gerações. E é nesta fase que estão os descendentes de italianos na região. Mas o dialeto deve resistir por mais décadas se a vontade dos italianos persistir.



BONI RIGON/AGÊNCIA RBS

Costumes passados de avó para netos

Monte Belo do Sul, na Serra, é uma daquelas cidades em que ainda se pode ouvir o dialeto no interior e na cidade, com 2,8 mil habitantes. Mas não um dialeto: pelo menos sete.

É que o município, criado em 1877, recebeu 416 famílias de imigrantes de diversas regiões da Itália, como Friuli, Treviso, Trento, Vicenza, Belluno, Mantova e Cremona.

Cada grupo se instalou em diferentes localidades e cultivou o seu modo de falar. Uma dessas localidades é Linha de Cremoneses.

A maioria da população no local descende de italianos vindos de Cremona. Os moradores, algumas dezenas de famílias, estão preservando o talian, passado de vó para filha.

— Aqui todos fomos criados falando o dialeto. E gostamos do nosso jeito. Eu ensinei meus filhos, que ensinaram aos seus filhos e netos. Meu primeiro bisneto, Eduardo, de um ano e meio, já está aprendendo as primeiras palavras em talian. A gente quer seguir com a tradição — garante Volcida Capovani Cavalleri, 74.



O SOTACÓN

O colono Radicci foi inspirado em tipos da Serra.

Ele não fala português, tampouco italiano ou dialeto vêneto. Seu idioma é o sotacón. A língua, invenção do cartunista Carlos Henrique Lotti, 41 anos, é resultado de uma transposição da fonética dos gringos para a grafia do português. Foi assim criada para todos entenderem e poder representar o que sobrará do dialeto vêneto no futuro.

to vêneto têm origem no português. A palavra polenta é um exemplo: polenta em português e em vêneto.

A morte do dialeto não é surpresa para estudiosos. É que seu fim foi decretado ainda em 1937. Durante o governo de Getúlio Vargas, no Estado Novo, uma campanha de nacionalização impôs que todos estrangeiros falassem só português.

De lá para cá preconceitos foram derrubados, mas o crescimento das cidades provocou, aos poucos, o desuso do talian. Um fenômeno que a história explica: um dialeto em terra estrangeira é cultivado no máximo por quatro gerações. E é nesta fase que estão os descendentes de italianos na região. Mas o dialeto deve resistir por mais décadas se a vontade dos italianos persistir.



ALMER DUFRINI/AGÊNCIA RBS

De tudo: Baldissera narra vários programas em vêneto, da missa ao futebol

Pelas ondas do rádio

— Bom jorno al paron e a la parona. Levê su que se benque hora. Assim o radialista Itair Baldissera, 72 anos, dá bom dia aos ouvintes no programa Supermanhã, da Rádio Bento Gonçalves AM. No ar de segunda-feira a sábado, das 6h às 8h, Baldissera conta piadas, fala por telefone com ouvintes, lê notícias e roda músicas. Detalhe: toda a comunicação é em dialeto vêneto.

Nas manhãs de domingo Baldissera comanda o Comunidades em

Festa, destinado a transmitir comemorações religiosas em Bento e região. Vez por outra, Baldissera, Pedro Vitor Rizzo e Samuel Alves também narram jogos de futebol. Mais uma vez, o diferencial é o dialeto.

— Nossa audiência no interior é esplêndida, porque as pessoas ainda cultivam bastante o talian. E se divertem com ele. Mas também tem gente da cidade que nos acompanha — ressalta Baldissera, há 17 anos no rádio.

DICIONÁRIO

Palavras do dialeto ainda utilizadas em português:

- Filô — Confraternização comento de vizinhos, familiares e amigos
- Piem — Embutido de carnos
- Carne lessa — Carne de gado cozida em água
- Empíria — Funil
- A balóqui — Aos montes, em grande quantidade
- Pedir — Perguntar
- Tchucco — Bêbado
- Su co lê reche — Erga as orelhas, preste atenção
- Picolezeiro — Vendedor ambulante de picolés
- Enozar — Fomrar nó
- A usta — Sem receita
- Rúspego — Aspero
- Emprimar — Usar pela primeira vez
- Espírito — Alcool
- Estulo — Cansado
- Esjorto — Satisfeito
- Fazer tinta — Fingir
- Fora-de-mão — Distante
- Foque — Lanterna
- Acrazio — Blasfêmia a Deus
- Outras: torti; gróstoli; brodo; anholini

Fonte: Dicionário de Italianismos